

Trabalho de Conclusão de Curso

Curso de Graduação em Geografia

CULTURA, PAISAGEM E DOCUMENTÁRIO ETNOGRÁFICO: EXPERIÊNCIAS
COM A LINGUAGEM AUDIOVISUAL NO CURSO DE GEOGRAFIA – UNESP – RIO
CLARO

Tiago Evandro Pinto

Profa. Dra. Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

Rio Claro (SP)

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

TIAGO EVANDRO PINTO

CULTURA, PAISAGEM E DOCUMENTÁRIO ETNOGRÁFICO:
EXPERIÊNCIAS COM A LINGUAGEM AUDIOVISUAL NO
CURSO DE GEOGRAFIA – UNESP – RIO CLARO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro - SP

2016

TIAGO EVANDRO PINTO

CULTURA, PAISAGEM E DOCUMENTÁRIO ETNOGRÁFICO:
EXPERIÊNCIAS COM A LINGUAGEM AUDIOVISUAL NO
CURSO DE GEOGRAFIA – UNESP – RIO CLARO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro (orientador)

Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy

Me. Tiago Vieira Cavalcanti

Rio Claro, 15 de fevereiro de 2016.

Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas que merecem meus agradecimentos. Aqui já expressei minha gratidão por todos que entraram em meu caminho e contribuíram para meu desenvolvimento enquanto humano e enquanto sujeito histórico. Especificamente, agradeço a minha família, a Manuela e a todos os amigos que passaram por minha vida desde seu início.

Agradeço ao Cursinho Práxis de Limeira e especialmente a Kátia Nones Herédia, a Katita, que com seu entusiasmo e alegria me incentivou a seguir em frente e a entrar no curso de Geografia da UNESP de Rio Claro.

Gratidão aos amigos que conheci já em Rio Claro, todos que também vieram de suas cidades e construíram laços de amizade. Àqueles da Moradia Estudantil que me receberam em 2011 de forma humana. E aqueles que lá conheci e que compartilhei grandes momentos, alguns que depois formamos nossa casa e outros que ficaram permanentes em minha vida: Liliane Mello, Marcela Esteves, Emmanuel Corrêa Oliveira, Rafael Mendonça, Vinícius Ramalho, Viviane Colácio, Felipe Berenschot Pereira, Irla Diniz, Jonathan Galdi Rosa e a Ana Carolina Ferreira que veio depois e também fez parte da trupe.

Agradeço a todos os funcionários da UNESP de Rio Claro e aos docentes que, cada um a sua maneira, contribuíram para minha formação. Gratidão em especial à professora Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro, a Berna, com quem trabalhei desde minha chegada na Universidade e que contribuiu demasiadamente para minha formação, muito além dos conteúdos, possibilitou a expansão de minha visão de mundo e da sociedade. Sempre valorizando a ética e o bom humor.

Gratidão ao pessoal do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, lugar de muitas aprendizagens e onde fiz grandes amizades, em especial: Tiago Verardino, Taciana Panini, Arthur Henrique Dias, Luiz Durval Litoldo, Luiz Fernando Almeida, Consuelo Perinotto, Marcela Pires, Daniela Martins, Leonardo Barros, Mariana Ciscato, Raphael Carbinatto, Carolina Hirai, Edinaldo Rodrigues, Amilson Henriques, Gisele dos Santos, Onivaldo Dagnolo, Talita Basso, Noemi da Penha, Marli Bueno e Maria Teresa de Arruda Campos.

Agradeço ao pessoal do Departamento de Geografia, do DEPLAN, da pós-graduação, do IGCE, da Biblioteca, do PET da Geografia e do LAPAT, laboratório onde também tive grandes aprendizagens, em especial: Beatriz Magalhães, Lisa Farias e Rodolfo Bassani. Gratidão à galera da Geografia, curso que tive orgulho em me formar e que permitiu minha convivência com pessoas incríveis e espiritualizadas que ficarão marcadas em minha trajetória: Olívia Gomes, Bianca Squaris, Lívia Teco, Marcela Barone e Iasmin Odara Fernandes. Gratidão aos amigos Bruno Zucherato e Bruna Albuquerque, amizade que se fortaleceu em terras lusitanas, amigos que sempre trazem alegrias.

Agradeço à FAPESP que permitiu o desenvolvimento desta pesquisa e muito além dela, me permitiu conhecer diferentes pessoas, diferentes realidades e uma diversidade de culturas e paisagens! Que fomente pesquisas que possibilitem a superação das desigualdades, que valorize pesquisas na educação e na arte. Gratidão também aos alunos da Geografia das turmas de 2013 e 2014 que possibilitam esta pesquisa. Meus agradecimentos também a banca avaliadora, Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy e Tiago Vieira Cavalcanti.

Enfim, agradei aqui a uma porção de todos que fazem parte de minha vida. Espero que todos sintam-se gratificados, todos que almejam uma sociedade justa e batalham por ela, todos que vêm nossa passagem na Terra como um aprendizado merecem meus agradecimentos. A gratidão é uma virtude da alma.

“A memória é uma ilha de edição”

(Waly Salomão)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é resultado de pesquisa de iniciação científica desenvolvida com propósito de encontrar e promover relações entre cultura e paisagem como categorias analíticas e a linguagem audiovisual a partir de experiências com documentários etnográficos trabalhados com alunos do curso de graduação em Geografia da UNESP, campus de Rio Claro - SP, dentro da disciplina de Antropologia. Analisou-se as contribuições que o documentário etnográfico possibilita à formação do geógrafo e do professor de geografia considerando seu caráter simbólico enquanto linguagem audiovisual. As práticas ocorreram no desdobrar dos primeiros semestres de 2013 e 2014 com duas turmas distintas. O trabalho constituiu numa divisão das turmas em grupos os quais tiveram um documentário etnográfico para analisarem e elaborarem um seminário e texto a partir de um roteiro, enfatizando questões como formação social brasileira, manifestações culturais, domínios de paisagem, paisagens culturais e representações do Brasil.

Palavras chave: geografia cultural, audiovisual, paisagem simbólica, conhecimento.

ABSTRACT

This final paper is the result of scientific initiation research conducted with purpose to find and promote relationships between culture and landscape as analytical categories and audiovisual language from experiences with ethnographic documentaries worked with undergraduate students in Geography UNESP, Rio Claro - SP within the anthropology discipline. We analyzed the contributions that the ethnographic documentary enables the formation of the geographer and professor of geography considering its symbolic character as audiovisual language. The practices occurred in the unfolding of the first semesters of 2013 and 2014 with two distinct classes. The work consisted in a division of classes into groups which had an ethnographic documentary to analyze and prepare a seminar and text from a script, emphasizing issues such as Brazilian social formation, cultural demonstrations, landscape areas, cultural landscapes and representations of Brazil.

Key-words: cultural geography, audiovisual, symbolic landscape, knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Figura 1 – Imagem do documentário <i>Nanook of the North</i> de 1922 de R. Flaherty	20
Figura 2 – Malinowski e os Kula nas Ilhas Trobriand entre 1914 e 1918	22
Figura 3 – Imagem do documentário <i>Les Maîtres Fous</i> (Os mestres loucos), de Jean Rouch, 1954	23
Figura 4 – Projeto Vídeo nas aldeias	25
Figura 5 – Letreiro de documentário do INCE	30
Figura 6 – Imagens do documentário <i>O País de São Saruê</i> de Vladimir Carvalho (1971)	33
Figura 7 – Imagens do documentário <i>Pare, escute, olhe</i> (2009)	34
Figura 8 – Localização do Vale do rio Tua em Trás-os-Montes	36
Figura 9 – Estações, o caminho de ferro e o rio Tua	37
Figura 10 – Imagens do documentário <i>A cabra na região semi-árida</i>	41
Figura 11 – Imagens do documentário <i>Quebradeiras</i>	43
Figura 12 – Imagem do documentário <i>A gente luta, mas come fruta</i>	45
Figura 13 – Imagens do documentário <i>Vissungo. Fragmentos da tradição oral</i>	47
Figura 14 – Imagens do documentário <i>Calangos e Calangueiros: uma viagem caipira pelo Vale do Paraíba</i>	49
Figura 15 – Imagens do documentário <i>Villa Boa de Goyás</i>	51
Figura 16 – Imagens do documentário <i>História sem fim... do Rio Paraguai</i>	53
Figura 17 – Imagens do documentário <i>Se milagres desejais</i>	55
Figura 18 – Imagens do documentário <i>Xinã Bena, novos tempos</i>	57
Figura 19 – Imagens do documentário <i>De volta a terra boa</i>	59
Figura 20 – Imagens do documentário <i>Arte no espaço</i>	61
Figura 21 – Imagens do documentário <i>Um olhar sobre os quilombos do Brasil – Mocambo</i>	63
Figura 22 – Imagens do documentário <i>Visita a aldeia Guarani</i>	65
Figura 23 – Imagens do documentário <i>Sampa grafite – Ignoto</i>	67

Lista de Fotos

Foto 1 – Apresentação de seminário do grupo 1/2013	42
Foto 2 – Apresentação de seminário do grupo 2/2013	44
Foto 3 – Apresentação de seminário do grupo 3/2013	46
Foto 4 – Apresentação de seminário do grupo 4/2013	48
Foto 5 – Apresentação de seminário do grupo 5/2013	50
Foto 6 – Apresentação de seminário do grupo 6/2013	52
Foto 7 – Apresentação de seminário do grupo 7/2013	54
Foto 8 – Apresentação de seminário do grupo 8/2013	56
Foto 9 – Apresentação de seminário do grupo 1/2014	58
Foto 10 – Apresentação de seminário do grupo 2/2014	60
Foto 11 – Apresentação de seminário do grupo 3/2014	62
Foto 12 – Apresentação de seminário do grupo 4/2014	64
Foto 13 – Apresentação de seminário do grupo 5/2014	66
Foto 14 – Apresentação de seminário do grupo 6/2014	68

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	CULTURA E PAISAGEM: CONCEITOS E TEMAS EM GEOGRAFIA	13
2.1	Cultura: o desenvolvimento de um conceito	13
2.2	A ideia de paisagem: da morfológica à simbólica	14
3.	IMAGEM E CONHECIMENTO: AS RELAÇÕES ENTRE DOCUMENTÁRIO, CULTURA E GEOGRAFIA	19
3.1	Documentário: de gênero narrativo ao conhecimento da realidade	19
3.2	O documentário na antropologia visual	21
3.3	A linguagem audiovisual e sua espacialidade	25
3.4	Audiovisual e conhecimento: abordagens pedagógicas	28
3.5	O País de São Saruê: um exemplo analítico	31
3.6	Do filme ao campo: experiências em Trás-os-Montes, Portugal	34
4.	DOCUMENTÁRIO ETNOGRÁFICO EM SALA DE AULA: ANÁLISE DAS PRÁTICAS	39
4.1	Resultados e discussões da experiência – 2013	40
4.2	Resultados e discussões da experiência – 2014	57
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	REFERÊNCIAS	72
	FILMOGRAFIA	75
	APÊNDICE A – Roteiro 1	76
	APÊNDICE B – Roteiro 2	77
	APÊNDICE C – Termo de Anuência – 2013	81
	APÊNDICE D – Termo de Anuência – 2014	85

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso resultou de pesquisa de iniciação científica desenvolvida a partir de 2013 com o título “Cultura e paisagem: o vídeo documentário como recurso metodológico ao ensino de geografia”. A ideia deste projeto de pesquisa surgiu do reconhecimento de que a produção audiovisual, especificamente o documentário etnográfico, a qual serve-se de toda diversidade cultural e geográfica para sua narrativa acaba por produzir objetos culturais que registram culturas e paisagens simbolizadas na imagem em movimento.

O projeto também incorporou a questão do documentário etnográfico como instrumento para discussões que envolvam a diversidade cultural brasileira e suas paisagens simbólicas no campo pedagógico e da pesquisa. Assim, para que tivéssemos uma prática, inserimos no trabalho atividades com os alunos do curso de graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Rio Claro. Estas atividades ocorreram dentro da disciplina de antropologia, nos primeiros semestres dos anos letivos de 2013 e 2014. Também corresponderam em divisão das turmas em grupos os quais tiveram um documentário etnográfico para analisarem e elaborarem um seminário e texto a partir de um roteiro, enfatizando questões como formação social brasileira, manifestações culturais, domínios de paisagem, paisagens culturais e representações do Brasil.

O aprofundamento teórico referente à temática deste projeto caracterizou-se como um subsídio à prática proposta. A discussão acerca do conceito de cultura e de paisagem se fez indispensável ao desenvolvimento da pesquisa, bem como o aprofundamento a respeito da linguagem audiovisual, do cinema e do documentário. O resgate histórico das relações entre ciência e imagem, sobretudo na antropologia visual, na geografia cultural e na educação e seus desdobramentos contemporâneos constituíram-se como suporte teórico.

Este trabalho parte da aproximação entre antropologia e geografia. Ciências que segundo Capel (1984) em seu desenvolvimento tiveram estreitas relações. Assim, a cultura como conceito antropológico que remete a práticas sociais e a construção de significados dialoga com a geografia de diversas formas. Aqui este diálogo se fará com a paisagem como categoria analítica, partindo do conceito de paisagem discutido na geografia cultural contemporânea que a analisa como sistema de símbolos e produtora de significados (COSGROVE, 1998). Símbolos os quais são representados através de distintos produtos culturais, entre eles, a linguagem audiovisual que será discutida neste trabalho a partir do documentário etnográfico.

Registros em imagem, fotografias e posteriormente o documentário etnográfico como linguagem audiovisual constituíram-se como importante ferramenta dentro da antropologia visual. Esta associação entre ciência e imagem iniciou-se com o uso do recurso visual como instrumento para o trabalho etnográfico e para demonstração de pesquisa. Logo em sua institucionalização como ciência social no final do século XIX, a antropologia reconheceu e trouxe para seu escopo metodológico a imagem em movimento que já difundia-se no meio acadêmico (RIBEIRO, 2005).

A imagem veio encontrar espaço na geografia já tardiamente comparado à antropologia. Espacialidades e representações de lugares e paisagens presentes em objetos visuais e audiovisuais como fotografia e cinema vieram à tona principalmente na geografia cultural renovada a partir das décadas de 1970 e 1980 (CORRÊA, 2011). Produtos visuais os quais lançavam mão de distintas paisagens como representações para mediação de suas narrativas foram considerados produtos simbólicos, meios que trazem e permitem a significação das geografias representadas (AZEVEDO, 2009).

Para apreender este caráter simbólico das representações do espaço geográfico é necessário compreender como a imagem e sobretudo a paisagem como metáforas do espaço geográfico, ou seja, como um produtos de relação de verossimilhança, constituíram-se dentro da ciência geográfica. Toda esta discussão encontra fundamento em autores que tratam questões da geografia cultural como sua história, metodologias, objetos de estudo e renovação como Cosgrove (2004), Corrêa; Rosendahl (2004), Azevedo (2007), entre outros que serão tratados ao longo deste trabalho.

Outro debate que faremos diz respeito às relações entre a linguagem audiovisual e a educação. Ao propormos utilizar documentários etnográficos para mediar diferentes temas com os estudantes de geografia, necessitamos investigar como se deu as primeiras associações entre imagem e pedagogia, sobretudo no Brasil. A imagem entrou para o universo da educação com bastante desconfiança por parte de professores, mas foi ganhando força principalmente com pesquisas e práticas desenvolvidas pelos representantes da Escola Nova a partir da década de 1920. No Brasil, a própria criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo em 1937 já indicava a aproximação entre imagem e prática pedagógica (MOGADOURO, 2011).

Atualmente, como veremos, a discussão que tem se desenvolvido a respeito da relação entre a linguagem audiovisual, pesquisa e práticas pedagógicas partem do pressuposto de que os produtos audiovisuais são mediadores entre o mundo e o sujeito espectador (DUARTE, 2009). Neste sentido, os documentários etnográficos como produtos audiovisuais, na sua

especificidade de partir da realidade para construir discursos acerca de questões sociais, promovem essa mediação a qual desencadeia distintas concepções do mundo representado.

Portanto, veremos na parte 2 deste trabalho *Cultura e paisagem: conceitos e temas em geografia*, a relação da cultura com a ciência geográfica, bem como o desenvolvimento da ideia de paisagem. Na parte 3 denominada *Imagem e conhecimento: as relações entre documentário, cultura e geografia* trataremos do documentário como linguagem audiovisual e de suas dimensões culturais, geográficas e pedagógicas, além de discutirmos exemplos com a análise dos documentários *O País de São Saruê* e *Pare, escute, olhe*. Na parte 4, *Documentário etnográfico em sala de aula: análise das práticas*, realizaremos apontamentos a respeito das experiências com os alunos, seguindo, por fim, das considerações finais.

2. CULTURA E PAISAGEM: CONCEITOS E TEMAS EM GEOGRAFIA

Para promover relações entre cultura e paisagem, ou seja, entre o objeto foco da antropologia e uma categoria de análise geográfica é necessário compreender o desenvolvimento destes conceitos e como ambos vêm se relacionando. A cultura como conceito antropológico (LARAIA, 2003) e suas concepções foram se transformando, assim como o conceito de paisagem e se cruzaram em diferentes contextos científicos.

2.1 Cultura: o desenvolvimento de um conceito

A cultura como prática social constitui-se também como elemento a ser interpretado pelas ciências sociais. De acordo com Laraia (2003), o vocábulo *culture* foi cunhado pelo antropólogo britânico Edward Tylor (1832-1917) que a concebeu como sistema de conhecimento, crenças, arte, moral, leis e demais habilidades humanas dentro de uma sociedade. No entanto, Taylor defendia uma ideia eurocêntrica e de estágios evolutivos da cultura.

Paradigmas das ciências naturais influenciavam muito as ciências sociais. A separação da antropologia com o pensamento evolucionista veio através de estudiosos que reformularam a ideia de cultura. Alfred Kroeber (1876-1960), antropólogo norte-americano reviu a ideia de cultura, discutindo sobre as concepções orgânica e cultural do ser humano. Franz Boas (1858-1949), outro antropólogo norte-americano também foi responsável por esta renovação ao considerar como função da antropologia a reconstrução histórica e comparação social de diferentes povos em distintas regiões (LARAIA, 2003). Autores que afastaram das ciências sociais concepções do determinismo tanto biológico quanto geográfico.

Há diversas interpretações sobre a cultura nos estudos da antropologia moderna. A antropologia parte da premissa que, diferente de outros seres que carregam suas regras comportamentais em seus códigos genéticos, os seres humanos são seres que tornaram-se sociais. “Somos seres simbólicos criadores de teias, tramas, redes e sistemas de regras de relações, de códigos de conduta, de gramáticas de relacionamentos, assim como de contos, cantos, mitos, poemas, ideias, ideologias, visões de mundo, religiões” (BRANDÃO, 2009, p. 717).

O antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1926-2006) desenvolveu metodologias interpretativas da cultura, considerando-a como um sistema simbólico. Para Geertz, para compreender a cultura deve-se partir de dentro para fora, ou seja, este processo

se dá pela interpretação dos códigos simbólicos de determinado grupo social (LARAIA, 2003). Esta ideia de cultura veio a influenciar a renovação da geografia cultural a partir da década de 1970, principalmente dentro da geografia anglo-saxônica, conforme veremos mais adiante.

O estudo da cultura e das culturas populares está sempre relacionado à realidade geográfica de diferentes grupos sociais. A relação com a natureza, a memória, a identidade com o espaço vivido e a construção de paisagens culturais e simbólicas permitem aproximações entre a antropologia e a geografia. A fronteira entre estas duas ciências estabeleceu-se na geografia cultural, ramo da ciência geográfica que trás contribuições para novas interpretações geográficas considerando a importância da cultura popular e suas práticas espaciais para a compreensão do mundo face ao predomínio de valores e significações hegemônicas (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003).

2.2 A ideia de paisagem: da morfológica à simbólica

No início do século XX os estudos referentes à paisagem cultural emergiram na geografia. Segundo Capel (1984), a expressão *geografia cultural* difundiu-se na Alemanha por volta de 1920 por Sergfried Passarge e posteriormente nos Estados Unidos por Carl Sauer na Escola de Berkeley. Esta geografia da paisagem preocupou-se em descrever e interpretar as paisagens humanizadas.

La geografía se convirtió para muchos geógrafos en una morfología del paisaje terrestre, interesándose tanto por la descripción e interpretación de las formas naturales (geomorfología, paisaje natural) como por el paisaje humanizado resultante de la actividad de los grupos sociales. (CAPEL, 1984, p. 34).

Carl Sauer, geógrafo norte-americano influenciado pela geografia alemã, desenvolveu no início do século XX estudos e metodologias científicas sobre paisagem cultural centrado na Escola de Berkeley. Em seu artigo *A morfologia da paisagem* publicado originalmente em 1925, o geógrafo tratou dos objetivos da geografia a fim de cercar uma possível abrangência aos estudos sobre a paisagem cultural a partir da relação homem-natureza, evidenciando o papel da cultura na transformação do espaço.

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área é o meio, a paisagem cultural, o resultado. Sob influência de uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e, provavelmente, atingindo no final o término do seu ciclo de desenvolvimento. (SAUER, 2004, p. 59).

Assim, atribuiu à geografia cultural o papel de investigar as alterações na superfície da Terra causadas pela ação antrópica, considerando o homem como último agente modificador da paisagem natural. Deste modo, a cultura representava as formas e as impressões no espaço advindas desta transformação da paisagem natural em paisagem humana.

Segundo Corrêa (2011), a paisagem cultural saueriana era estruturada na morfologia e compreendia principalmente os modos de vida rurais. Baseava-se numa descrição da paisagem e numa visão supra-orgânica da cultura, influenciado pela antropologia norte-americana daquele contexto. “A cultura era vista como uma entidade acima do homem, não redutível às ações dos indivíduos e misteriosamente respondendo a leis próprias.” (DUNCAN, 2003, p. 64). Esta concepção de cultura acabou sendo criticada posteriormente por geógrafos que desenvolveram estudos e renovaram a geografia cultural.

O geógrafo britânico Denis Cosgrove (1948-2008) foi precursor da nova leitura sobre a paisagem cultural como categoria de análise. Para ele, a paisagem é multi-interpretativa e se estende de uma simples síntese da relação homem-natureza. O geógrafo também passou a considerar a cultura como processo em reprodução e variado com base em autores como Raymond Williams e Clifford Geertz (CORRÊA, 2011).

A ideia de paisagem foi apropriada pela ciência geográfica. Sua concepção é anterior a própria institucionalização da geografia como ciência. Segundo Cosgrove (1998) a ideia de paisagem originou-se como um conceito cultural na sociedade ocidental europeia a partir do Renascimento. Neste contexto, a Europa vivia transformações a cerca da relação do ser humano com a natureza e também do próprio sistema de produção social. Este resgate da ideia de paisagem é necessário para compreendermos o papel atribuído a esta categoria geográfica em distintos momentos da geografia até o contexto da geografia cultural contemporânea.

De acordo com Azevedo (2008), a paisagem como sistema de representação cultural do espaço geográfico estruturou-se no período moderno face a grandes transformações do pensamento ocidental e da arte. Surgiu como técnica de simbolização de poder frente a própria consolidação do capitalismo como modo de produção social. A representação da paisagem alterou a dimensão perceptiva do humano sobre o espaço, criando imagens e símbolos e contribuiu para o desenvolvimento de uma cultura visual do mundo.

Para a autora, as técnicas de representação neste contexto estavam atreladas a uma formação social. As representações da paisagem buscavam converter o território em imagens, em sínteses pictóricas dentro de um contexto cultural. Constituiu-se como uma mediação do

território pela sociedade moderna. Esta prática desenvolveu-se no âmbito da sociedade capitalista emergente na Europa vinculada a sistemas de valores culturais, políticos e ideologias deste determinado grupo social. Assim, a paisagem representada obedecia às regras culturais da elite da época.

Deste modo, a relação entre arte e paisagem edificou-se através das técnicas artísticas de representação. Naquela conjuntura, as escolas de pintura desenvolveram meios para representar a natureza a partir de determinadas convenções sociais. O ambiente passou a ser enquadrado em telas e a ser organizado e simbolizado bidimensionalmente.

A representação da paisagem em pintura começou a adquirir uma iconografia específica pelos finais do século XV e início de século XVI. Com a consolidação de um conjunto de códigos iconográficos para a representação da paisagem, estabeleceu-se um sistema de signos disposto para a expressão pictórica desta ideia. O estatuto da paisagem neste período foi determinado essencialmente por dois centros artísticos e urbanos, Itália e Flandres, difundindo-se depois progressivamente pelo resto da Europa. (AZEVEDO, 2008, p. 20).

Assim, a representação da paisagem promoveu a consolidação de narrativas do espaço geográfico. Este processo permitiu também o desenvolvimento do efeito simbólico da paisagem. Para Azevedo (2008), este movimento inaugurou uma forma de mapeamento iconográfico do território pela cultura ocidental, o que chamou de *regime ocularcêntrico da modernidade*, no qual a dimensão visual passou a ter alto patamar para atingir e conceber a verdade. Assim, a percepção visual e a representação da paisagem tornaram-se poderosos instrumentos epistêmicos.

Ainda de acordo com Azevedo (2008) após consolidar-se como experiência estética culturalmente produzida dentro de uma formação social burguesa no período da emancipação do capitalismo, a paisagem foi apropriada pela cultura de viagem, de exploração e inventariação do território. No decorrer da Idade Moderna, no contexto das grandes descobertas e colonização pelas potências europeias, a paisagem encontrou valor de registro do mundo natural e da diversidade geográfica. Posteriormente, já no século XIX, a paisagem foi ainda mais legitimada pelas ciências naturais e pelos movimentos nacionalistas. E neste quadro, a geografia apropriou-se dela como um projeto científico.

Este regime ocularcêntrico, que dominou o período moderno, foi responsável pela transformação do espaço factual em espaço representacional. Um espaço a que a ciência geográfica deitou mão aquando de sua institucionalização, tomando de assalto a ideia de paisagem e transformando-a em objeto científico fundamentado por toda uma tradição geográfica de explanação, inventário e exploração do território. (AZEVEDO, 2008, p. 97).

A paisagem, então, tornou-se o objeto de estudo da ciência geográfica. Na conjuntura científica do final do século XIX e início do século XX, como já mencionado, Carl Sauer substanciou e difundiu o conceito de paisagem cultural admitindo-a como resultante da ação humana sobre o ambiente natural. No entanto, algumas bases teóricas de Sauer acabaram obsoletas dentro da investigação científica, pois não contemplavam as análises sócio-espaciais no cenário urbano-industrial o qual passou a ter centralidade em escala mundial a partir da segunda metade do século passado (CLAVAL, 2006).

A releitura e reformulação da geografia cultural e de seus temas e metodologias, bem como da paisagem cultural ocorreu no decorrer da década de 1970 e 1980 com o chamado *cultural turn* em escolas europeias como a francesa e a britânica. Neste trabalho, utilizamos as contribuições da geografia anglo-saxônica a qual resgatou todo o histórico da ideia de paisagem para redirecionar os estudos em geografia cultural. Ideia atrelada a paisagem como invenção humana vinculada a um contexto cultural, conforme as análises de Azevedo (2008).

Denis Cosgrove como precursor deste movimento de renovação refundou os estudos em paisagem cultural a partir de releituras do próprio conceito de cultura. Ao compreender a abordagem interpretativa e a concepção de cultura como campo de construção de significados de Geertz, Cosgrove trouxe essas ideias para o campo da nova geografia cultural, abordando a paisagem para além da morfologia e da materialidade, e sim considerando-a como quadro do mundo impregnado de simbolismos (CORRÊA, 2011).

No contexto do *cultural turn*, estudiosos empenhados na renovação da geografia cultural incorporaram a seu escopo novas matrizes epistemológicas contrastantes como a fenomenologia, a hermenêutica e o materialismo histórico e dialético. Cosgrove, influenciado pela geografia social inglesa de base marxista elaborou uma leitura da geografia cultural a partir deste pressuposto, trazendo para a geografia cultural temas como cultura dominante, residual e emergente, baseado no pensamento de Gramsci. (CORRÊA, 2011).

Neste raciocínio, Cosgrove (2004) considera o funcionamento da sociedade dentro de sistemas de estratificação e de divisão do trabalho e realiza o diálogo entre cultura, consciência, natureza e poder. Deste modo, parte do pressuposto de que há diferenças na relação de distintos grupos e classes sociais com a paisagem, bem como de suas significações e valores atribuídos. Assim, parte do preceito de que grupos dominantes mantêm e reproduzem seus valores comunicando-os por quaisquer meios, inclusive pela paisagem, gerando paisagens da cultura dominante e alternativas: residuais, emergentes e excluídas.

Estes temas pontuados por Cosgrove estão diretamente relacionados a sua revisão da ideia de paisagem como símbolo e da importância atribuída à formação social como agente da

atribuição de valores à determinadas paisagens. Cosgrove e Jackson (2003) trazem para o campo metodológico a ideia de paisagem como texto, como síntese pictórica que representa as relações entre cultura e natureza e que como símbolo necessita de metodologias interpretativas para sua compreensão.

Assim, a própria paisagem ou suas representações constituem meios de investigação e apreensão de seus significados dentro de um grupo social ou mesmo de seus significados em outras formações sociais. Neste campo, as imagens, representações iconográficas, cartográficas, pinturas, fotografias, filmes entre outros produtos culturais são textos a serem interpretados a partir de seus discursos sobre a paisagem, de seus valores embutidos e daqueles que formam e legitimam.

Neste sentido, a linguagem audiovisual através de seus produtos e aqui principalmente o documentário, constitui-se como um texto geográfico na medida em que as narrativas sobre o mundo real proporcionam a construção de um mundo simbólico e aparece, assim, a ideia de paisagem cinematográfica (COSTA, 2005). O espaço geográfico, lugares e paisagens servem como discurso dentro do objeto audiovisual, são partes integrantes da elaboração de uma ideia sobre determinada formação social e de distintas interpretações a cerca de questões sociais e geográficas.

A partir do limiar do cinema, no início do século XX pesquisadores e expedições científicas logo lançaram mão de técnicas audiovisuais como recurso metodológico para pesquisa etnográfica. Ao retratar culturas e suas distintas geografias, o documentário etnográfico contribuiu para o registro e também para a simbolização de lugares e paisagens, e, deste modo, constituiu-se a antropologia visual. No campo da geografia cultural, mais recentemente, ampliaram-se pesquisas que envolvem a linguagem audiovisual com temas como o cinema e sua espacialidade. As relações entre conhecimento, educação e imagem, então, vem ganhando notoriedade.

3. IMAGEM E CONHECIMENTO: AS RELAÇÕES ENTRE DOCUMENTÁRIO, CULTURA E GEOGRAFIA

Nesta parte do trabalho realizaremos um resgate histórico a respeito do documentário como linguagem audiovisual e sua dimensão epistemológica. Ainda, abordaremos a questão da relação entre imagem e conhecimento na antropologia visual, na geografia e também nas abordagens pedagógicas. Traremos como exemplos as análises dos documentários *O País de São Saruê* e *Pare, escute, olhe*.

3.1 Documentário: de gênero narrativo ao conhecimento da realidade

O início dos registros em imagens em movimento consistiu num processo de desenvolvimento de instrumentos de projeção visual ao longo do século XIX. O aprimoramento das técnicas fotográficas e de projeção e a invenção e uso do celuloide como suporte flexível de imagens permitiram a inventores como Thomas Edison apresentar seu quinetoscópio em 1893 e aos irmãos Lumière realizarem a exibição de imagens a partir do cinematógrafo em 1895 (COSTA, 2006).

No início do século XX as técnicas de cinema já permitiam a criação de uma cultura das imagens. Em seu despertar, o cinema compreendia projeções curtas de tomadas únicas de imagens e registros do cotidiano e aos poucos foi introduzindo, conforme o desenvolvimento técnico, narrativas lineares, constituindo assim a linguagem cinematográfica (COSTA, 2006).

No campo do documentário, Teixeira (2006) diz que o termo passou a ser utilizado no âmbito do cinema na década de 1920 pela escola documental inglesa. Este uso correspondeu a classificação de um gênero narrativo do cinema preocupado em registrar e representar eventos históricos de uma época, dividindo o cinema em ficção e documentário e inaugurando o chamado documentário clássico com seus distintos métodos e abordagens como a etnografia.

O autor também considera o americano Robert Flaherty (1884 - 1951) como precursor do documentário clássico. O cineasta incorporou à produção do filme metodologias advindas da antropologia as quais consistia em acompanhamento e observação participante do objeto a ser registrado em imagem. E esta renovação epistemológica foi utilizada por Flaherty em seu documentário *Nanook of the North* (*Nanook, o esquimó*) de 1922. (FIG. 1), no qual mostra o cotidiano de uma família de esquimós no norte do Canadá.

Figura 1 – Imagem do documentário *Nanook of the North* de 1922 de R. Flaherty



Fonte: <http://annabeladabiemia.wordpress.com/2011/09/27/early-documentary-nanook-of-the-north>.

Teixeira (2006) ainda indica as contribuições do soviético Dziga Vertov (1896 - 1954) às técnicas cinematográficas. Vertov ao formular os termos *cine-olho* e *cinema-verdade* enriqueceu a concepção de documentário e de todos os produtos do cinema ao considerá-los como um despertador de sentidos muito além de uma experimentação visual técnica.

Com a noção de "cine-olho", Vertov, já nos anos 1920, ia além da mera visão, bastante vulgarizada posteriormente nas teorias dos meios de comunicação de massa, de que tais meios constituiriam uma extensão dos sentidos humanos, ao propor que sua potência era bem mais expansiva: que a câmera não era apenas um olho exteriorizado, objetivado, o que lhe daria um poder de simples reprodução, mas que ultrapassava em muito o olho humano em suas funções perceptiva e cognoscitiva. (TEIXEIRA, 2006, p. 259).

Nichols (2012), ao analisar o cinema, considera que todo filme é um documentário. Seja ficção ou não, para o autor todo filme evidencia os valores culturais de quem o produz. Assim, classifica a ficção como documentário de satisfação de desejos que tornam concretos os frutos da imaginação e classifica o documentário como filme de representação social com cunho epistemológico mais evidente.

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornando visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que virá a ser. (NICHOLS, 2012, p. 26-7).

O documentário, dessa forma, trata das questões sociais de uma maneira diferenciada. Sua linguagem, concepção e envolvimento social constituíram-se com propósitos distintos ao longo dos anos de acordo com o desenvolvimento técnico, de seu acesso e também de ideologias e paradigmas teóricos daqueles sujeitos que utilizaram- o como discurso.

Em defesa da legitimidade do documentário como instrumento de investigação da realidade, Souza (2001) parte das concepções da semiótica de Charles Sanders Peirce e do conceito de signo como objeto representativo. Assim, o autor justifica a análise da realidade pelo documentário a partir de imagens e sons significativos.

A revisão do método científico, permitida por análises filosóficas como as de Charles Sanders Peirce, possibilita o levantamento da hipótese do fazer documentário enquanto uma atitude produtora de conhecimento. Não somente do ponto de vista do dispositivo tecnológico que revelaria fenômenos não observados pelo ser humano, mas também pelo processo de participação investigativa no próprio fenômeno que se pretende conhecer. (SOUZA, 2001, p. 21).

Deste modo, o autor trás a discussão a possibilidade do documentário como método científico, defendendo-o de críticas como objeto seletivo e subjetivo, por acreditar que as ciências em seus métodos tradicionais também operam seletiva e subjetivamente. O documentário como método não pode ser considerado como neutro, pois é um produto social, o que possibilita a hipótese de seu uso como instrumento capaz de produzir conhecimento da realidade. Neste sentido, a reflexão entra no campo da discussão ética, discussão a qual deve estar presente em todos os campos de pesquisa e de suas metodologias.

3.2 O documentário na Antropologia visual

No campo da antropologia visual, devemos considerar que o aparato imagético foi introduzindo em pesquisas etnográficas no contexto da ciência do final do século XIX, período no qual a antropologia preocupava-se com a alteridade baseada na diferença cultural. As diretrizes epistemológicas da antropologia, assim como da geografia, neste contexto ocidental sofreram influência das ciências naturais. O evolucionismo e a concepção de estágios civilizacionais da humanidade estavam presentes nas pesquisas e expedições etnográficas. (BARBOSA; CUNHA, 2006).

A quebra no paradigma positivista e evolucionista ocorreu gradativamente na antropologia do século XX. A construção de um novo olhar sobre os chamados povos primitivos em conjunto com novos parâmetros teóricos reestruturou os estudos sobre cultura.

Para Barbosa e Cunha (2006) o trabalho do antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (1884 - 1942) exerceu significativa influência às mudanças epistemológicas na antropologia. Malinowski (FIG. 2) introduziu em sua metodologia a permanência e participação na vida social de seu objeto de estudo, notadamente em seu trabalho nas Ilhas Trobriand expresso na obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922).

Figura 2 – Malinowski e os Kula nas Ilhas Trobriand entre 1914 e 1918



Fonte: <http://etnografandoantropologia.blogspot.com.br/2012/05/malinowski-e-sua-contribuicao.html>

Segundo Ribeiro (2005), O cinema e a antropologia clássica são filhos de um contexto socioeconômico e científico no qual ocorreu a sistematização da atitude analítica como caráter da ciência no período da expansão industrial (final do séc. XIX). O cinema e a antropologia tinham com objeto as sociedades externas e contribuíram para a percepção espacial, social e cultural das interações humanas tradicionais e modernas. Neste sentido, havia uma relação metrópole-colônia na qual a imagem estava atrelada às culturas hegemônicas.

De acordo com Barbosa e Cunha (2006) foi no momento das expedições científicas partida dos países centrais na passagem do século XIX para o século XX que a antropologia encontrou a imagem. A necessidade de registro, de uma empiria do outro uniu as técnicas visuais às metodologias da antropologia.

As sociedades e as culturas permaneceram como que divididas em predominantemente observadas (fotografadas, estudadas, cinematografadas) e predominantemente observadoras (que fotografam, estudam, produzem filmes), orientais e ocidentais, sul e norte, pobres e ricos, rurais e urbanas, femininas e masculinas. (RIBEIRO, 2005, p. 616).

As imagens foram captadas pela antropologia com a função de documentação, banco de dados e representação dos objetos pesquisados e verificados. A princípio, esta função esteve atrelada ao processo de expansão europeia no contexto do imperialismo do século XIX. Deste modo, as imagens expunham aos europeus formações sociais e culturas subtropicais exóticas – a seus olhos, seus modos de vida e relação com a natureza, ao mesmo tempo em que guardavam informações visuais de povos em processo de desaparecimento.

Segundo Ribeiro (2005), a antropologia manteve uma relação ambígua com as imagens nos primórdios desta afinidade. Os antropólogos desconfiavam das imagens ao mesmo tempo em que mantinham nela uma esperança de que resolvessem o problema da objetividade. Assim, os antropólogos se voltaram ao arcabouço dos cineastas a fim de compreender as imagens e como trabalhar com elas.

A partir disso, fotógrafos e cineastas foram integrados a missões científicas. Isto ocorreu também por que cineastas realizavam metodologias semelhantes à antropologia, como Robert Flaherty antes mencionado. Além de longa permanência no terreno, subordinação da experiência local a uma ideia e a participação colaborativa de modo a compreender melhor o ponto de vista do nativo.

O cinema etnográfico se tornou institucional a partir dos anos 1950 principalmente na França através dos trabalhos de Jean Rouch. Referência no campo da antropologia visual, Rouch transformou a abordagem etnocêntrica e descritiva do cinema antropológico após críticas ao caráter descritivo de seu documentário *Les Maîtres fous* de 1954. (FIG. 3) (RIBEIRO, 2007).

Figura 3 – Imagem do documentário *Les Maîtres Fous* (Os mestres loucos), de Jean Rouch, 1954



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=z2jG3rQ0MNA>

Ribeiro (2005) considerou a antropologia visual um novo terreno para a antropologia, ou seja, uma área de investigação com seus próprios problemas epistemológicos. “Atualmente, procura-se, por um lado, situar o filme etnográfico no conjunto de práticas dos media, na representação da cultura não apenas como processo de produção, mas também de recepção” (RIBEIRO, 2005, p. 636).

Hoje, a antropologia visual extrapola seus limites de representação e registro do outro. Extrapola para campos além da antropologia, pois está presente em investigações de historiadores, cientistas sociais e teóricos do cinema. Há também a contribuição inovadora das tecnologias digitais que trouxeram melhorias instrumentais de trabalho de campo e também de organização, tratamento, produção, circulação e divulgação e como meio e modo de análise. A antropologia visual:

Constitui-se como amplo campo interdisciplinar entre as ciências sociais e as artes, as ciências e as tecnologias da comunicação. Institui-se como processo simultâneo ou complementar de investigação e produção escrita, audiovisual, multimídia, hipermídia. Desloca-se das temáticas tradicionais de investigação em antropologia para as temáticas atuais, sem, no entanto deixar de tratar de toda a tradição antropológica e, simultaneamente, recuperar arquivos documentais das práticas anteriores, criando assim uma relação mais próxima e mais implicada (da disciplina e da universidade) na vida social. (RIBEIRO, 2005, p. 637-638).

A antropologia visual oferece novos temas de investigação e renova a relação entre os sujeitos e objetos nas ciências sociais. Também abre caminho para novas práticas sociais, novos atores da cultura, figuras híbridas e dissolve a separação entre profissional e amador, inova o trabalho de campo, a comunicabilidade.

Ainda representa um ritual de passagem para a investigação-produção científica que emerge da sociedade e volta para a sociedade. Surgem novos campos de formação em antropologia como a antropologia das imagens (como forma histórica), trabalho de campo e narrativas visuais, vozes e sonoridades locais (o audiovisual como representação própria das formações sociais), cultura, sociedade e novas tecnologias e cultura visual. (RIBEIRO, 2005).

As vozes no documentário etnográfico contemporâneo passaram a ser ecoadas pelos próprios agentes da cultura e não somente pelo agente da pesquisa ou pelo cineasta. O cinema participativo e a apropriação das técnicas audiovisuais pelos mais variados grupos étnicos tem permitido novos paradigmas em relação à representação do outro. Um exemplo desta prática é o projeto Vídeo nas aldeias que desde 1987 vem produzindo materiais audiovisuais. (FIG. 4). A princípio o projeto buscou fornecer ferramentas de comunicação a diversas comunidades indígenas e acabou tornando-se uma escola de cinema para indígenas (ARAÚJO, 2010).

Figura 4 – Projeto Vídeo nas aldeias



Fonte: <http://revistaraiz.uol.com.br/portalaiz/portalaiz.php?cod=783&rel=1>

Bentes (2003) classifica as populações que encontram na linguagem audiovisual um instrumento de alteridade como novos sujeitos do discurso. Este tipo de meta-antropologia, como denomina, característica do projeto Cineastas Indígenas, possibilita a transição de grupos que sempre foram objetos de pesquisa e do discurso, para sujeitos do conhecimento, ao apropriarem-se da linguagem audiovisual.

3.3 A linguagem audiovisual e sua espacialidade

Muitos autores têm desenvolvido relações entre geografia e cinema, não especificando ou enfatizando a análise em gênero como ficção ou documentário, todavia, trazem contribuições importantes que cabem na análise aqui proposta. Assim, no âmbito da geografia, após o *cultural turn*, o cinema e seus produtos obtiveram espaço nas discussões em geografia cultural. Notadamente, neste novo campo de análise geográfica, as imagens como um todo passaram a ser discutidas criticamente. A concepção de que as representações transmitiam o real foi sobreposta gradualmente pela ideia de que a produção de imagens tem um caráter subjetivo e seletivo e influenciam em como percebemos lugares e paisagens e em como atribuímos significados.

O redimensionamento do cinema como objeto de estudo geográfico surgia na sequência dos trabalhos desenvolvidos por autores como Peter Jackson, Doreen Massey e Denis Cosgrove, preocupados com a análise da produção e reprodução de significados de lugar por meio de diferentes produtos culturais. A ênfase nos diferentes produtos culturais, pelo modo como estes representam lugares e paisagens, associava-se, assim, à tentativa de compreensão dos significados produzidos e reproduzidos pelas mais variadas formas culturais. (AZEVEDO, 2009, p. 100).

Deste modo, para a autora é clara a ideia de que o cinema e todos seus produtos (filmes ficcionais, documentários, vídeos, etc.) tem o potencial de direcionar uma concepção de mundo a qual é sempre ressignificada pelo espectador. O espectador é ativo, há uma dialética entre imagem e cultura, ou seja, todo o conhecimento que já temos sobre os mais diversos lugares entram em coalisão com o produto imagético e assim concedemos ideias sobre os mais variados lugares e paisagens.

O cinema é, neste sentido, mediador das relações entre ser humano e espaço geográfico. Humano que é compreendido de valores culturais que estruturam suas experiências com os lugares e paisagens filmicos. Em contrapartida à significação elaborada pelo espectador há o processo de criação da imagem que também direciona seu significado:

A análise do evento cinemático implica ter em conta as diversas lógicas transacionais que trespassam cada experiência filmica, nomeadamente aquelas que ditam a posição do realizador em relação ao seu mundo físico e que são fundamentais para se compreender o processo de concepção de cada obra. Daqui partirá o processo de seleção de imagens recolhidas do mundo ordinário ou que nele foi buscar inspiração. Esse processo resulta da interpretação das categorias espaciais da narrativa por parte do realizador e de sua intenção de localização da ação. (AZEVEDO, 2009, p. 111).

Costa (2005) ao refletir sobre as relações entre geografia cultural e o cinema, parte da concepção de que ambos exercem influência sobre como construímos, organizamos, percebemos e imaginamos o mundo. Deste modo, considera os produtos audiovisuais como textos geográficos a serem interpretados levando em conta o propósito do filme, bem como seus agentes e processos como a direção, locações e montagem.

Para a autora o filme está além de uma representação do mundo, pois constitui-se muitas vezes como a primeira mediação entre o mundo e o sujeito, sobretudo se considerarmos o cinema e a cultura visual como práticas e discursos sociais de grande potência no processo de construção da realidade. Assim, a ideia de espaço fílmico consiste na composição e organização de lugares e paisagens na narrativa filmica.

A paisagem cinematográfica não é, conseqüentemente, um lugar neutro para o entretenimento, ou uma documentação objetiva, ou um espelho do „real“, mas uma criação cultural ideologicamente comprometida, em que significados do lugar e da sociedade são formados, legitimados, contestados e esquecidos. Intervir na produção e consumo da paisagem cinematográfica nos ajudará a questionar o poder e a ideologia da representação, e a política e problemas contidos na interpretação. Principalmente, isso contribuirá para uma finalidade mais ampla que é mapear as geografias sociais, espaciais, e políticas do filme (HOPKINS, 1994, apud COSTA, 2005, p. 47).

Outros autores também compartilham a premissa de que o cinema constitui produto cultural que direciona distintos significados dos lugares e paisagens filmicos. Oliveira Júnior (2005) ao indicar que as geografias de cinema compreendem estudos da dimensão espacial das imagens, estabelece a ideia de que:

As imagens e sons filmicos estão a nos propor pensamentos acerca do espaço (...), mas também movimentos imaginativos resultantes do encontro inusitado dessas imagens e sons de outras formas de conceber e viver o espaço como dimensão da existência humana. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2005, p. 03).

Ferraz (2012) contribui à discussão ao compreender que o espaço filmico extrapola a representação física de lugares e de paisagens ao carregar uma força simbólica. Este simbolismo vai além da limitação de uma representação, pois o contato com a espacialidade filmica leva a sua qualificação de acordo com o sujeito.

Através dessa vivência espacial concreta é que os lugares são recriados de significações e rememorados imageticamente por cada indivíduo. Espaço aí é algo vivo e inerente às condições com que cada ser humano edifica sua existência social. O cinema permite essa identificação espacial através das imagens apresentadas enquanto turbilhões de afetos e memórias amalgamados. (FERRAZ, 2012, p. 377-378).

A dimensão espacial e as práticas culturais presentes nas imagens cinematográficas, conforme analisadas neste trabalho, constituem uma esfera analítica emergente e com contribuições enriquecedoras à ciência geográfica. A geografia sempre esteve atrelada à representação visual do mundo. E de acordo com as bases teóricas desta pesquisa, a representação visual está carregada de valores e é reinterpretada por aqueles que observam as imagens.

A geografia cultural, ao reestruturar suas bases teórico-metodológicas, passou a analisar diferentes produtos culturais e suas dimensões espaciais. Como vimos, o cinema tem se constituído campo de pesquisa de acordo com a espacialidade de suas imagens.

A representação e o uso de produtos audiovisuais na pesquisa científica, notadamente nas ciências sociais, devem ser tratadas com cuidado epistemológico. Não há um retrato fiel

do mundo captado nas imagens, tampouco no documentário que historicamente foi visto como produto de registro da realidade. Há elaborações de distintas concepções e interpretações do mundo, da cultura e da paisagem. O espectador deve interagir com a dimensão fílmica do espaço geográfico e buscar reflexões a partir de suas memórias e significados internalizados das paisagens.

3.4 Audiovisual e conhecimento: abordagens pedagógicas

Assim como captada pela antropologia visual e recentemente pela geografia cultural, a linguagem audiovisual também foi absorvida pelos estudiosos em Educação e pelas próprias políticas e práticas educacionais já no despertar da cultura das imagens. O surgimento dessa nova linguagem proporcionou novas formas de representação ao mesmo tempo em que alterou a percepção do mundo e logo encontrou campo nas discussões epistemológicas e pedagógicas.

Ao aprofundar-se na relação entre cinema e educação, Duarte (2009) também concorda que muita da nossa percepção sobre a história da humanidade constituiu-se pelo contato que tivemos com os produtos do cinema. Neste sentido, desenvolveu reflexões a respeito das interações entre a linguagem audiovisual e a educação.

A autora analisa o percurso dos estudos envolvendo cinema e educação partindo do pressuposto de que filmes são produtos culturais configurados em um contexto social e que, deste modo, ganham sentido. Suas reflexões constituíram-se da ideia de que o olhar do espectador nunca é neutro ou destituído de significados, pelo contrário, é um sujeito social atribuído de valores, memórias e experiências. Deste modo, os espectadores são sujeitos que “interagem, de forma ativa, na produção dos significados das mensagens” (DUARTE, 2009, p. 54). Neste sentido, a experiência com o filme opera na produção de significados. Toda a bagagem que trazemos formada por diferentes linguagens e interações sociais é reorganizada pelo contato com o filme.

A significação de narrativas fílmicas não se dá de forma imediata. Parece haver um certo entendimento do filme quando o vemos pela primeira vez (em geral, quando o revemos damos a ele novos significados), que é o que possibilita a compreensão e o acompanhamento da trama. Mas esse entendimento vai ser reorganizado e ressignificado muitas vezes daquele momento em diante, a partir das reflexões que fazemos, das conversas com outros espectadores, do contato com diferentes discursos produzidos em torno daquele filme (críticas, premiações, etc.) e da experiência com outros filmes, permitindo que novas interpretações sejam feitas. (DUARTE, 2009, p. 62).

Assim, a significação de filmes desenvolve-se dialeticamente entre a mensagem do objeto audiovisual e o sujeito. Esta potência dos produtos audiovisuais tem levado a pesquisas a respeito da interação desta linguagem com a educação. No entanto, a crença no poder do audiovisual como mediação demandou tempo no campo pedagógico.

Segundo Mogadouro (2011), a linguagem audiovisual enfrentou relutância na escola por proporcionar novas formas sensoriais aos seus espectadores. Escola essa caracterizada pelo uso e pela confiança na escrita como única e principal linguagem para a realização das práticas pedagógicas. Esta crença no racionalismo e na objetividade da escrita caracterizou e ainda caracteriza a prática da escola tradicional a qual inibe a criatividade do aluno devido a insegurança da instituição frente aos processos comunicacionais atuais e à polissemia das imagens.

Contudo, já no início do século XX, principalmente nas décadas de 1920 e 1930 estudiosos da educação passaram a olhar o audiovisual sobre outro ponto de vista. Estes estudiosos europeus e norte-americanos representavam a Escola Nova a qual defendia quebras de paradigmas da escola tradicional como a importância da motivação como condição para o processo educativo, novas políticas educacionais, entre muitas outras novas concepções acerca da educação. (MOGADOURO, 2011).

No Brasil, os escolanovistas, com representantes como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Edgar Roquette-Pinto foram responsáveis pela implementação pelo governo de Getúlio Vargas de novas políticas no campo da educação. Entre outros ideais pedagógicos, os escolanovistas deram ênfase à importância da linguagem audiovisual para os processos educativos. Deste modo, em 13 de janeiro de 1937 Vargas oficializou a criação do INCE – Instituto Nacional de Cinema Educativo, (FIG.5), (MOGADOURO, 2011).

Figura 5 – Letreiro de documentário do INCE



Fonte: <http://www.cinemateca.gov.br/>

Todavia, ainda que os escolanovistas brasileiros estivessem atentos aos problemas educacionais naquele contexto e creditssem aos meios de comunicação de massa um caminho para consolidar propostas educacionais diferenciadas, o chamado cinema educativo proposto por eles era carregado de tendências ideológicas que marcaram toda a produção do INCE.

A união do cinema com a educação servia, nas décadas de 1920 e 1930, aos propósitos de modernização da sociedade brasileira, na ótica de uma elite que se colocou como vanguarda de um projeto de transformação social pela educação. (CATELLI, 2010, p. 621).

O cinema educativo produzido pelo INCE e com Humberto Mauro como um dos principais cineastas valorizava o documentário como representante da linguagem audiovisual com maior caráter educativo. Havia a crença na objetividade do documentário, na apreensão do real e na sua capacidade de trazer aos espectadores aspectos culturais e geográficos de um Brasil distante e diverso.

Com a realização de um cinema científico, o INCE mantinha algumas das formulações iniciais dos educadores da Escola Nova quanto às finalidades para a produção de filmes de caráter educativo. Como parte de um projeto maior de modernização da sociedade brasileira, pela ciência e educação, o cinema documentário poderia resgatar aqueles que estavam excluídos do saber oficial e, por isso, o filme educativo deveria ser acessível à compreensão dos espectadores, de modo a abranger toda a sua diversidade. (CATELLI, 2010, p. 617).

Toda a produção do INCE representa o início da relação entre documentário e educação do Brasil. De fato, esta produção foi marcada por uma ideologia do documentário enquanto reprodutor de informação e enquanto ilustração do mundo. Os documentários do INCE de certa forma fugiram às concepções iniciais dos escolanovistas em relação a integração entre cinema e educação principalmente pelo viés utilitarista pelo qual foi apropriado. (MOGADOURO, 2011).

Assim, ao observarmos este histórico referente a associação entre a linguagem audiovisual e a educação, podemos refletir acerca das possíveis formas as quais nos apropriamos desta linguagem no campo da educação. De fato, como nos mostrou o histórico do cinema educativo proposto pelo INCE, devemos abrir mão do uso desta linguagem enquanto ilustração objetiva do mundo. O cinema não deve ser tomado como coadjuvante dentro dos processos educativos. Conforme vimos, o cinema enquanto produto social possui um caráter simbólico, pois participa da nossa apreensão do mundo e configura nossa memória imagética.

O papel do filme em sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos. Trata-se, portanto, de um movimento de apropriação cognitiva da relação espaço-imagem e, principalmente, da criação de sujeitos produtores de conhecimento e reconhecimento de si mesmos e do mundo. (BARBOSA, 2011, p. 112).

Esta reflexão do autor nos leva a tomar a linguagem audiovisual como produto social construído através de determinadas matrizes sociais. Por isso, as imagens em sala de aula devem ser trabalhadas como mediadoras entre o mundo e o sujeito, muito além de retratos fiéis da realidade e sim como agentes potentes que contribuem para nossa concepção e leitura desta realidade. E no campo da geografia, o espaço, lugar ou paisagens representados também são forças comunicativas que dialogam com que já apreendemos sobre determinadas geografias.

3.5 O País de São Saruê: um exemplo analítico

Como ponto de partida à análise das atividades desenvolvidas com os estudantes é interessante realizar um exercício de reflexão sobre como poderia ser um trabalho que envolva cultura e paisagem a partir da linguagem audiovisual. Para este exemplo analítico partiremos do documentário *O País de São Saruê* do diretor Vladimir Carvalho de 1971.

O documentário é uma das obras de Vladimir Carvalho no qual o cineasta desenvolve um trabalho de pesquisa a fim de concretizar na linguagem audiovisual toda uma formação social da região Nordeste, especificamente do sertão paraibano, no município de Sousa. O documentário extrapola a questão etnográfica, trazendo ao audível e ao visível todas as questões que envolviam aquela realidade naquele contexto, como a história daquela população, o trabalho, a relação com a natureza e o poder local.

O diretor lançou mão da linguagem audiovisual, organizando seu documentário a partir de canções e depoimentos que dessem corpo a sua mensagem. E neste sentido, a paisagem entrou com um papel comunicativo e sintetizante do discurso o qual pretendia. Segundo Nascimento (2012), *O País de São Saruê* constituiu-se como uma representação do Nordeste e dos nordestinos, tendo como força narrativa as histórias, os depoimentos e a paisagem, foi um projeto de Vladimir Carvalho que enfrentou percalços em seu desenvolvimento.

De forma poética, porém crua, o filme é uma tentativa de resgatar a memória de fatos antigos, os usos e costumes que distinguem a região Nordeste das demais. O filme foi prontamente censurado pela ditadura. Seu mal foi procurar expressar, mesmo poeticamente, a dura realidade e exploração do trabalho no Nordeste em pleno apogeu do chamado “milagre brasileiro”, quando só era permitido que se divulgasse coisas que transmitissem beleza, fartura e progresso. (NASCIMENTO, 2012, p. 59).

De acordo com os créditos iniciais, o documentário foi dedicado aos lavradores, vaqueiros, tangerinos, violeiros e retirantes da região dos vales do rio do Peixe e do rio Piranhas, no extremo oeste da Paraíba. Populações que criaram uma cultura singular, diretamente relacionada com a natureza e com as relações sociais ali presente. As paisagens da seca no documentário são mais que ilustrações do mundo físico daquela população. A fotografia do filme constituiu como marca de uma cultura que desencadeia em memórias e concepções acerca de uma realidade. (FIG. 6).

Figura 6 – Imagens do documentário *O País de São Saruê* de Vladimir Carvalho (1971)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=HiznfkUBBqE>

As imagens acima são símbolos que o documentário produziu e que também foram sendo construídos por outros produtos culturais como a música e a mídia de massa com distintos objetivos e discursos. Notamos que a paisagem em seu sentido morfológico, o relevo e a vegetação, assim como as construções constituíram elementos narrativos de grande força em conjunto com os depoimentos e a narrativa em *off* presente do documentário. “Uma vez capturada pelo olho sem corpo da câmera, a paisagem se torna imagem, perde sua condição de acontecimento material para assumir a condição de signo”. (BARBOSA, 2011, p. 120).

Esta reflexão do autor trás algo que buscamos discutir nessa revisão teórica desenvolvida até aqui. O documentário pretende trazer distintas questões a partir da realidade por meio de sua linguagem. Neste sentido, todos os elementos que compõem o documentário tem forças para a criação de significados e memória pelo espectador, o qual, como vimos, já possui uma carga de conhecimento e reflexões que dialogam com o discurso do documentário. Na parte 4 deste trabalho analisaremos como constituíram-se as práticas com a linguagem audiovisual como instrumento de pesquisa e conhecimento com os alunos do curso de geografia.

3.6 Do filme ao campo: experiências em Trás-os-Montes, Portugal

Uma experiência com documentário foi realizada ao longo deste processo de pesquisa através de uma estadia em Portugal com projeto de Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior – BEPE. O projeto intitulado “Lugares do passado, vidas presentes: o antigo caminho de ferro do Tua, norte de Portugal” visou realizar pesquisa de campo na região de Trás-os-Montes, no norte de Portugal, especificamente na linha de ferro que perpassa paralelamente o rio Tua, com foz no rio Douro.

Esta linha de ferro centenária foi sendo desativada a partir da década de 1990 e atualmente não é mais operada devido a um projeto político de Portugal de construir barragens para geração de energia nas fozes dos rios que desaguam no rio Douro. O encerramento da linha de trem e a construção da barragem da foz do rio Tua engendrou diversos problemas para os moradores daquela região. Toda essa problemática foi retratada no documentário “Pare, escute, olhe” de 2009 (FIG. 7) do diretor Jorge Pelicano.

Figura 7 – Imagens do documentário *Pare, escute, olhe* (2009)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hCN9jk1TYO0>

A pesquisa, então, visou realizar revisão bibliográfica e desenvolver trabalho de campo em Trás-os-Montes com supervisão do professor João Sarmiento do Departamento de Geografia da Universidade do Minho, em Guimarães. O ponto de partida deste projeto foi o documentário. A partir dele tracei um panorama das questões principais narradas. O documentário “Pare, escute, olhe” de caráter expositivo realiza um recorte histórico daquela

região e do caminho de ferro, trazendo para sua narrativa depoimentos de moradores, representando o resgate da memória, das relações afetivas com aquele lugar e aquela paisagem.

A minha experiência com o documentário *Pare, escute, olhe* de Jorge Pelicano (2009) foi a princípio um contato inicial com o tema abordado no filme. Conforme o desenrolar da narrativa, completa de imagens históricas, depoimentos e paisagens, ia apoderando-me de fatos históricos referentes à relação da sociedade portuguesa com os caminhos de ferro, em especial a relação dos moradores das aldeias pelas quais a linha do Tua transpassava.

Mais que um simples ilustrador do tema o qual ia me debruçar, o documentário permitiu a criação do meu imaginário sobre a região em questão. Imaginário sobre uma realidade política, sobre uma cultura e sobre uma paisagem. E esta criação é inerente ao caráter do cinema e de qualquer produto audiovisual enquanto sistema simbólico que lança mão do espaço geográfico para sua narrativa, um sistema de percepção visual que através de paisagens *esteticizadas* e *narrativizadas* constroem um signo geográfico particular dependente das experiências do espectador. (AZEVEDO, 2007).

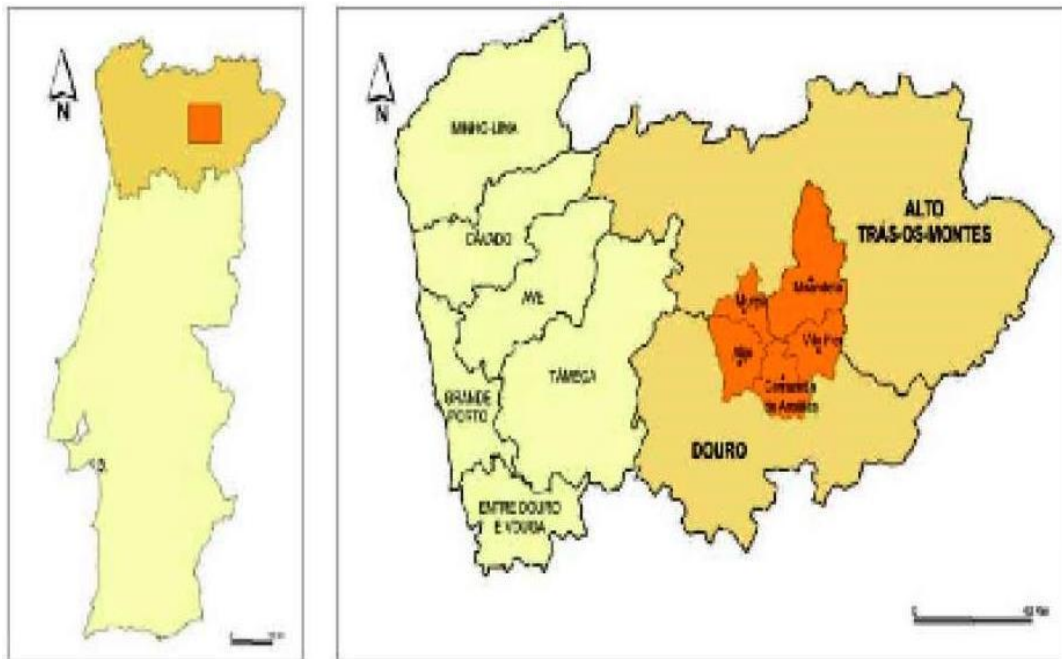
No documentário “Pare, escute, olhe” em particular, muitas são as vozes que convergem a narrativa. Estas vozes, em minha experiência fílmica, ecoam uma melancolia de pessoas que posteriormente à uma ação política externa – o gradual fechamento do caminho de ferro do Tua e a construção da barragem – passaram a ter outra relação com a seu território. Uma relação de identidade que passou a ser de uma eminente perda, uma paisagem cultural e uma vida que pulsavam e que encontrou seu futuro apenas na memória.

De acordo com Sarmiento (2002), as linhas férreas tiveram um grande impacto em Portugal. Contribuíram para o desenvolvimento sócio-econômico do país e também para a transformação de paisagens culturais principalmente nas áreas mais remotas. No entanto, a partir dos anos 1980 houve um grande investimento em construção de rodovias e incentivos ao transporte rodoviário. Fato que teve como justificativa os altos preços da manutenção das estradas de ferro.

A linha de ferro do Tua situa-se à margem esquerda do rio Tua e liga as estações de Foz-Tua (encontro entre o rio Tua e o rio Douro) à Mirandela e Bragança. Região norte de Portugal denominada Trás-os-Montes. (FIG. 8). A inauguração da estrada de ferro ocorreu em 29 de setembro de 1887. (PAULINO, 2011). A totalidade da linha administrada pela Comboios de Portugal (CP) foi desativada em 1º de janeiro de 1990. Este fechamento desencadeou um enorme impacto às populações que viviam em aldeias às margens do caminho de ferro, pois este era o único meio de transporte de pessoas e de produtos que

conectava a região ao restante do país.

Figura 8 – Localização do Vale do rio Tua em Trás-os-Montes



Fonte: SIMÃO; MELO, 2011.

Segundo órgãos de pesquisa portugueses como o Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente GEOTA, entre outros, a construção da barragem afim de produzir energia hidroelétrica no encontro do rio Tua com o rio Douro faz parte de um recente projeto do governo português e tem dividido opiniões. O Programa Nacional de Barragens de Elevado Potencial Hidroelétrico (PNBEPH) foi criado em 2007 com a justificativa de reduzir a dependência energética do país e a emissão de gases do efeito estufa através de investimento em energias renováveis. (GEOTA, et al., 2011).

Há uma diversidade de alternativas à obtenção de eletricidade as quais a priori o Estado português não debruçou atenção. Há a possibilidade de reforço de potência das barragens já existentes, o fortalecimento da energia eólica, da energia advinda da biomassa e solar. Estas seriam as melhores alternativas frente as atuais condições econômicas do país, além de reduzir impactos ambientais como a extinção de ecossistemas raros, incluindo peixes migratórios e outras espécies, fragmentação de corredores ecológicos, degradação da qualidade da água e de terrenos agrícolas do Alto Douro Vinheteiro. (GEOTA, et al., 2011).

A visita a Trás-os-Montes, ao caminho de ferro, à algumas estações e o contato com moradores defensores de seu patrimônio compreendeu o desfecho do trabalho. Como parte desta metodologia múltipla, o trabalho de campo propiciou visualizar e sentir o problema na escala real. A região de Trás-os-Montes sempre esteve associada a uma condição de

isolamento em Portugal. Em contra partida, sua paisagem cultural historicamente construída, seus olivais e vinhas a tornaram um lugar singular. (FIG. 9). E de fato sua morfologia e suas tradições culturais foram reconhecidas e postas às vistas depois da construção das linhas de ferro. Assim ocorreu com o entorno da linha do Tua, o que propiciou ao turismo natural e cultural estabelecer-se como atividade econômica. (SIMÃO; MELO, 2011).

Figura 9 – Estações, o caminho de ferro e o rio Tua



Fonte: autor (agosto de 2014).

Trás-os-Montes caracteriza-se pela peculiaridade de sua paisagem cultural. A sua natureza física e as ações humanas dialeticamente edificaram um cenário o qual constitui um símbolo de um lugar. Símbolo que vive na memória dos nativos. Esta paisagem desperta sentidos distintos de acordo com as relações que cada um estabelece com ela. E esta atribuição de valor configura sua classificação como patrimônio cultural.

O contato direto com moradores de Trás-os-Montes permitiu conhecer os fatores históricos e culturais que simbolizam a identidade e a memória local. Conceber a paisagem transmontana como patrimônio significa considerar a conjuntura cultural que a torna singular do ponto de vista externo, mas principalmente interno. E esta conjuntura se revela através da paisagem que constitui um conjunto de signos resultante da subjetividade do sujeito.

A identificação do sujeito com a paisagem é explicitada pela relação cognitiva, onde a construção da memória do lugar é representada pelas atividades cotidianas onde se produzem formas de espaço culturalmente construídas. Cada indivíduo apreende o entorno, utilizando diversos registros de atividade cognitiva, construindo uma relação paisagem-memória que se manifesta em recortes territoriais. Nesse momento o espaço

torna-se lugar, é recortado afetivamente. (COSTA, 2008, p.7).

A experiência fílmica com o documentário *Pare, escute, olhe* foi o ponto de partida para uma investigação científica singular que contou com uma metodologia múltipla e integrada. Experiência que também contribuiu para a compreensão da ampliação da produção do espaço geográfico em Portugal tendo em vista o recorte da pesquisa, dos conflitos que emergem neste cenário e da valorização da cultura e da paisagem simbólica como instrumento de luta. Este projeto, enfim, procurou o estabelecimento da linguagem audiovisual como fonte de pesquisa e conhecimento e como propagador de imagens simbólicas de uma realidade.

4. O DOCUMENTÁRIO ETNOGRÁFICO EM SALA DE AULA: ANÁLISE DAS PRÁTICAS

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, a proposta aqui apresentada e desenvolvida partiu do reconhecimento da potencialidade dos objetos audiovisuais, especificamente do documentário etnográfico em criar significados acerca de diferentes formações sociais. Para tanto, concebemos a atividade prática com a linguagem audiovisual pelos alunos como meio para discutir e refletir a respeito do uso destes objetos culturais como fonte e instrumento de pesquisa e gerador de conhecimento.

A metodologia empregada para este exercício consistiu em pesquisa de documentários etnográficos que retratassem o Brasil e sua múltipla composição social e de paisagem, principalmente documentários acessíveis aos estudantes, seja via internet ou pelo acervo da biblioteca do campus. Assim, foram selecionados documentários de sites como www.bcc.org.br, www.etnodoc.org.br, <http://www.curtadoc.tv>, além de vídeos do Projeto Vídeo nas aldeias.

A partir de então, a proposta de trabalho foi apresentada aos alunos no início dos semestres letivos, respectivamente de 2013 e 2014, na disciplina de antropologia. Em seguida, as turmas foram organizadas em grupos e cada um selecionou um documentário para o exercício.

A proposta consistiu em que cada grupo elaborasse um seminário e um texto a partir do tema tratado no documentário, enfatizando questões como formação social brasileira, manifestações culturais, domínios de paisagem, paisagens culturais e representações do Brasil a fim de contribuir também para discussões no curso de antropologia, dialogando com a geografia a partir da relação entre cultura e paisagem. Foram realizadas ao longo dos semestres reuniões entre os grupos de trabalho, a professora orientadora e o pesquisador para acompanhamento da pesquisa.

Também foi disponibilizado aos alunos roteiros (Apêndices A e B) para que os grupos tivessem um ponto de partida para elaborarem os textos e seminários. Nota-se que o roteiro da primeira experiência prática baseou-se na descrição e análise da paisagem morfológica associada aos processos sócio-históricos retratados em cada documentário. (Roteiro 1). Devido ao aprofundamento teórico desenvolvido ao longo da pesquisa, foram acrescentadas ao roteiro da segunda prática análises mais aprofundadas no campo da cultura, da paisagem e seus significados e proposto também aos alunos uma discussão sobre o documentário como fonte de pesquisa e de conhecimento. (Roteiro 2).

Cabe então transcrever, analisar, discutir e refletir acerca dos resultados obtidos nestas experiências. Assim, com suporte nos fundamentos teóricos adquiridos a partir de pesquisa bibliográfica, segue a prática analítica baseada metodologicamente em *(a)* verificar o uso, pelos grupos de trabalho, do vídeo documentário na construção dos seminários; *(b)* analisar o conteúdo teórico e conceitos geográficos pesquisados e apresentados pelos grupos e *(c)* refletir e discutir acerca das conclusões as quais cada grupo obteve.

Para tanto, esta análise se ordenará pela apresentação de cada grupo e seu respectivo tema/documentário e pela discussão sobre o conteúdo dos trabalhos e do enfoque tratado pelos grupos. A análise está estruturada em resumo e excertos do conjunto das atividades realizadas por cada grupo (texto e seminário). Os trabalhos integrais de cada grupo não compõe este texto, considerando seu grande volume.

Ao longo da explanação há figuras que representam uma tomada dos respectivos documentários e fotografias dos grupos apresentando seus trabalhos. Importante ressaltar que esta pesquisa e trabalho prático com os estudantes e a divulgação de seus resultados ocorreram com ciência por parte dos alunos conforme os termos de anuência prévia. (Apêndices C e D).

4.1 Resultados e discussões da experiência – 2013

Grupo 1.

Documentário: *A cabra na região semi-árida*. Direção de Rucker Vieira, 1966, 19 min. Disponível em: www.bcc.org.br.

Este documentário (FIG. 10) produzido na década de 1960 pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo – INCE, apresenta pontos formadores da cultura nordestina, principalmente da relação entre o homem e o meio e da relação das populações com os caprinos diretamente associados à questão da sobrevivência. Assim, o grupo formulou seu trabalho baseado no roteiro proposto e na narrativa do filme o qual mostra as condições físicas da região nordeste e seus desdobramentos nos modos de vida, bem como o uso dos caprinos pelos sertanejos como fonte de recursos. Deste modo, os alunos apresentaram em texto e seminário as sub-regiões do Nordeste (zona da mata, meio-norte, sertão e agreste) e seus domínios de paisagem atrelados à pedologia, hidrografia, clima e vegetação (dando enfoque à caatinga e suas espécies).

Figura 10 – Imagens do documentário *A cabra na região semi-árida*



Fonte: www.bcc.org.br

Em seguida o grupo apresentou pontos históricos como a introdução dos caprinos no Brasil remetente ao período colonial e a relação do sertanejo com estes animais tão resistentes às condições físicas nordestinas e que fornecem produtos como leite, carne, esterco e couro. Posteriormente, os alunos explanaram acerca do sertanejo, sua cultura (construções, agricultura e alimentação) e também sobre questões de trabalho, pobreza, pecuária, Estado, indústria da seca e mulher nordestina.

O grupo (FOTO 1) conclui o seminário transmitindo concepções e conceitos a respeito da região Nordeste e da paisagem da região. Assim, sublinharam a adaptação árdua das populações e o papel dos caprinos neste processo que acabou formando uma realidade política, econômica e cultural singular do Brasil.

Foto 1 – Apresentação de seminário do grupo 1/2013



Fonte: autor.

Grupo 2.

Documentário: *Quebradeiras*. Direção de Evaldo Mocarzel, 2009, 26 min. Disponível em: www.etnodoc.org.br

Este documentário (FIG. 11) expressa os aspectos sociais das populações, principalmente das mulheres, que vivem na região denominada Bico-do-Papagaio na tríplice fronteira entre os estados de Maranhão, Piauí e Tocantins e sobrevivem da extração do coco do babaçu. O grupo utilizou o documentário como ponto de partida à pesquisa, enriquecendo a apresentação dos seminários com outros quatro vídeos de depoimentos das quebradeiras de coco referentes às questões de subsistência, extrativismo e dos impactos do avanço da monocultura na região.

Figura 11 – Imagens do documentário *Quebradeiras*



Fonte: www.etnodoc.br

Para tanto, os alunos apresentaram os aspectos físicos do Bico-do-Papagaio como sua geomorfologia, sua posição na bacia sedimentar do rio Parnaíba e principalmente sua biogeografia. O grupo apontou a classificação da região como zona de transição entre a floresta Amazônica e a caatinga, assim, possuindo uma vegetação denominada Mata dos Cocais devido à presença do babaçu e de outras palmáceas.

Os alunos, então, associaram esta biogeografia com os aspectos socioculturais da região que formam uma paisagem singular. Destacaram, também, a extração do coco do babaçu como atividade realizada prioritariamente por mulheres oriundas de famílias do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e que enfrentam históricos entraves políticos com fazendeiros monocultores.

A partir deste ponto, o grupo integrou à discussão os aspectos culturais desta população como a religião (baseada no catolicismo rústico), costumes (de herança cabocla), alimentação (pautadas na farinha de mandioca e nas amêndoas de coco) e também a relação destas mulheres com o meio, pois trabalham no extrativismo e promovem a preservação ambiental.

Deste modo, o grupo (FOTO 2) possibilitou através da apresentação do seminário, a compreensão e conceptualização pelos alunos da turma dos aspectos geográficos peculiares da

região da Mata dos Cocais, contribuindo para o entendimento e a absorção visual das paisagens e aspectos sociais da região.

Foto 2 – Apresentação de seminário do grupo 2/2013



Fonte: autor

Grupo 3.

Documentário: *A gente luta, mas come fruta*. Coleção Cineastas indígenas, Ashaninka, DVD 5, Direção: Isaac Pinhanta, Wewito Piyãko, 2006, 40 min.

Este documentário (FIG. 12) é resultado do projeto Vídeo nas Aldeias e demonstra a luta dos índios Ashaninka, no extremo oeste amazônico pela conservação dos recursos naturais que envolvem as aldeias e também pela conservação de seus costumes. Deste modo, o grupo apresentou um trabalho relacionado com a narrativa e com as informações contidas no vídeo, apresentando aspectos culturais e a relação dos indígenas com o meio ambiente.

Figura 12 – Imagem do documentário *A gente luta, mas come fruta*



Fonte: Coleção Cineastas indígenas.

Destarte, os alunos expuseram o seminário explanando, a princípio, a localização das aldeias (no oeste do estado do Acre, próximas aos rios – meandros - Juruá e Amônia) e os domínios ambientais gerais como a fauna e a flora características da Floresta Amazônica, o clima (equatorial úmido), a geomorfologia (Depressão Acre-Rio Branco e áreas de várzea) e a pedologia (predominância de solos argilosos). O grupo, então, associou esta natureza com questões socioambientais e territoriais enfrentadas pelos Ashaninka como a luta para preservação dos recursos essenciais à sobrevivência sustentável da população através de manejo de plantas e sementes, criação de tracajás e fiscalização frente ao avanço de madeireiras.

Assim, os alunos partiam para a descrição dos aspectos culturais dos Ashaninka, destacando a religião (cosmologia xamânica), os mitos, as vestimentas e acessórios (túnicas, colares e pulseiras), as pinturas corporais, os rituais, bem como os aspectos históricos como a origem dos Ashaninka remetente ao período pré-colombiano, os impactos da exploração espanhola no período colonial e a exploração do caucho (látex de qualidade inferior à seringueira), na transição entre os séculos XIX e XX.

A conclusão do grupo (FOTO 3) mostrou-se bastante satisfatória em relação à proposta, pois atribuíram ao documentário uma fonte de descoberta da grande diversidade de culturas existentes no Brasil e ainda finalizaram a apresentação refletindo acerca da paisagem e da cultural, conforme o seguinte trecho do trabalho: “Em relação à sua paisagem e cultura,

prosseguir com a observação revelou uma realidade voltada à preservação da natureza - conservando uma paisagem natural e com pouca influência humana - e nos aspectos culturais, com grande preservação dos costumes”. (TEXTO GRUPO 3).

Foto 3 – Apresentação de seminário do grupo 3/2013



Fonte: autor

Grupo 4.

Documentário: *Vissungo. Fragmentos da tradição oral*. Direção: Cássio Gusson, 2009, 13 min. Disponível em: <http://www.curtadoc.tv/curta/index.php?id=153>.

Este documentário apresenta o Vissungo, canto de trabalho e de transmissão da cultura africana (FIG. 13). Uma tradição oral de descendentes de quilombolas da região de Diamantina, em Minas Gerais. Assim, neste trabalho o grupo também norteou-se no roteiro proposto para a construção do seminário e através do vídeo – que compreendeu prioritariamente depoimentos – absorveram as características ambientais e histórica de Diamantina.

Figura 13 – Imagens do documentário *Vissungo. Fragmentos da tradição oral*



Fonte: www.curtadoc.tv

Deste modo, os alunos apresentaram o trabalho indicando a localização destas populações (Diamantina), a geomorfologia da região (Serra do espinhaço), hidrografia (rio Jequitinhonha e afluentes do rio São Francisco) e as características climáticas (climas tropical e tropical de altitude), formadoras de uma paisagem própria.

Em seguida, o grupo (FOTO 4) explanou acerca dos processos históricos da região que remetem à ocupação da área para exploração de ouro e diamante no século XVII e, associada a este processo, a vinda de povos africanos para o trabalho escravo.

O Vissungo, então, é um canto de trabalho que continha palavras de língua africana (de tribos banto da Angola e Moçambique) e que transmitia os costumes destes povos. A partir deste ponto, os alunos destacaram essa tradição secular que através da música e da dança resiste à fragmentação e à influência de doutrinas religiosas crescentes. Por fim, os alunos mostraram um vídeo no qual músicos cantam um Vissungo de domínio público que transmitiu o valor desta cultura, compreendido em trabalho, luta e resistência.

Foto 4 – Apresentação de seminário do grupo 4/2013



Fonte: autor

Grupo 5.

Documentário: *Calangos e Calangueiros: uma viagem caipira pelo Vale do Paraíba.*

Direção e roteiro: Flávio Cândido, 2008, 27 min. Disponível em: www.etnodoc.org.br

Este documentário apresenta o calango, canto improvisado característico das populações rurais do vale do Paraíba, remetente aos caboclos da região e comum nas festas do Divino (FIG. 14). Este vídeo faz o caminho dos Calangueiros pelo vale mostrando os domínios de paisagem ali presentes. Assim, os alunos desenvolveram uma pesquisa pontuando a geografia presente no documentário e mostrando trechos para retratar a composição social e de paisagem representadas.

Figura 14 – Imagens do documentário *Calangos e Calangueiros: uma viagem caipira pelo Vale do Paraíba*



Fonte: www.etnodoc.br

Deste modo, o grupo iniciou a apresentação discutindo acerca da fisionomia da área associada a eventos estruturais que desenvolveram um relevo cristalino (Serras do Mar e Mantiqueira) no qual o rio Paraíba do Sul perpassa nas zonas mais baixas. O grupo também destacou os domínios climáticos e biogeográficos (Mata Atlântica).

Em seguida, pontuaram os processos históricos e econômicos da região como a expansão do café no século XIX, a escravidão, a implantação de ferrovias e as mudanças mais recentes como a urbanização e industrialização. Em relação ao período cafeeiro, nota-se que o grupo se ateve a transmitir o processo histórico associado à paisagem. Conforme o trecho do trabalho:

“Depois do café, as fazendas decadentes e/ou abandonadas do vale e a paisagem característica dos “mares de morros”, agora desnudadas de sua exuberante cobertura original de Mata Atlântica, viveram “a Invasão Mineira”, na qual eles desceram com suas boiadas e ocuparam as terras baratas, quase doadas, para produzir leite, derivados e alguma carne”. (TEXTO GRUPO 5).

Enfim, ao passarem para a discussão sobre a cultura regional, os alunos caracterizaram a figura do caboclo (miscigenação entre brancos e índios) e toda a ideia a seu respeito presente na literatura histórica brasileira, muitas vezes preconceituosa por classificá-lo como

“funesto parasita e inadaptável à civilização” conforme comentários de Monteiro Lobato no artigo *A Velha Praga* (1956).

Então, os alunos expuseram as concepções de Folia de Reis (ritual católico popular que visa construir laços sociais entre vizinhos e parentes) e do calango (de origem da mistura entre o canto de folgas dos escravos e a música dos brancos da roça) que remetem à cultura das populações rurais do vale do Paraíba.

A concluir, o grupo (FOTO 5) sintetizou a gênese destas populações associando a “exuberância natural, o complexo econômico e os aspectos sócio-históricos e culturais” e assim transmitindo aspectos da cultura e natureza presentes no vale.

Foto 5 – Apresentação de seminário do grupo 5/2013



Fonte: autor

Grupo 6.

Documentário: *Villa Boa de Goyás*. Direção de Moacir de Oliveira, 1999, 25 min. Disponível em: <http://www.curtadoc.tv/curta/index.php?id=492>.

Este documentário possui uma abordagem diferencial, pois enfatiza o conjunto sócio-histórico e ambiental da cidade de Goiás Velho como patrimônio histórico reconhecido pela UNESCO. Assim, o grupo construiu a apresentação traçando todas as características da Villa Boa de Goyás que a tornou exemplo de preservação de um contexto histórico do Brasil. Os alunos também utilizaram partes do vídeo para retratar a geografia local, as manifestações culturais e depoimentos acerca da história e da arte na cidade (FIG. 15).

Figura 15 – Imagens do documentário *Villa Boa de Goiás*



Fonte: www.curtadoc.tv

A princípio, o grupo caracterizou a fisionomia da paisagem regional descrevendo sua geomorfologia baseada em chapadões e planaltos, seu clima (tropical de verão chuvoso e inverso seco), hidrografia (a importância do rio vermelho que corta a cidade de Goiás) e a biogeografia caracterizada pelo cerrado diversificado em suas formas (campos limpos, campos sujos e cerradões).

Posteriormente os alunos analisaram os aspectos sócio-históricos da cidade de Goiás que referem-se à história da conquista do oeste brasileiro pelo bandeirantismo que buscava a exploração de ouro. Pontualmente, Goiás foi instalada pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhangüera) o qual foi responsável pelo massacre dos índios Goyazes. Este período que remete-se a meados do século XVIII foi de intensa atividade mineira na região com a instalação de mão-de-obra escrava negra.

Esta conjuntura acabou dando características coloniais à cidade de Goiás. O grupo, então, destacou toda a arquitetura colonial e a arte barroca presente, as quais, devido ao esgotamento das jazidas de ouro e o fim da exploração, acabaram sendo esquecidas e assim, preservadas. Segundo os alunos, “esse esquecimento ocorrido durante o século XIX permitiu que sua paisagem não fosse sujeita a quaisquer alterações dos tempos modernos”.

Por fim, o grupo (FOTO 6) caracterizou as manifestações culturais na cidade de Goiás, como a Semana Santa na qual anualmente ocorre a Procissão do Fogaréu, ritual religioso realizado na cidade desde o século XIX e também o Festival Internacional de Cinema

Ambiental, evento anual que divulga obras audiovisuais de temática ambiental. O grupo finaliza a apresentação com uma poesia de Cora Coralina na qual a poeta descreve sua relação com a cidade de Goiás e acaba registrando, assim como fez em tantas outras poesias, os aspectos urbanos da cidade.

Pode-se notar que a paisagem de Villa Boa de Goyas revela a história do Brasil em suas formas e culturas e foi exatamente esta percepção a qual o grupo chegou, conforme este trecho de seu trabalho, “podemos concluir que Villa Boa de Goyas é uma cidade que nos leva a um cenário do século XVIII com toda a sua arquitetura e suas culturas mantidas”. (TEXTO GRUPO 6).

Foto 6 – Apresentação de seminário do grupo 6/2013



Fonte: autor

Grupo 7.

Documentário: *História sem fim... do Rio Paraguai*. Direção de Valéria Del Cueto, 2004, 16 min. Disponível em: <http://curtadoc.tv/curta/infancia/historia-sem-fim-do-rio-paraguai-o-relatorio/>.

Este documentário mostra a aventura de um professor ao longo do rio Paraguai a partir de Cáceres no Mato Grosso (FIG. 16). Nesta jornada, o professor encontra histórias de ribeirinhos envolvidas em meio a natureza da margem do rio e das áreas pantaneiras. Assim, os alunos desenvolveram a pesquisa baseados na contribuição do documentário, conforme o trecho exposto pelo grupo:

“Ao desenvolver os estudos a partir do vídeo „História sem fim...do Rio Paraguai“, pode-se compreender, além da temática socioambiental do local, o próprio modo de vida e

cultura das populações ribeirinhas que vivem em torno do Rio Paraguai”. (TEXTO GRUPO 7).

Figura 16 – Imagens do documentário *História sem fim... do Rio Paraguai*



Fonte: www.curtadoc.tv

Deste modo, o grupo iniciou o seminário caracterizando os aspectos físicos do Pantanal, destacando sua formação geomorfológica singular (planície em formação), bem como seu regime climático e pluvial (clima tropical continental com estações de cheia e vazante) e sua biodiversidade tanto vegetal (campos cerrados, campos limpos, matas ciliares e capões), quanto animal (como exemplo o jacaré do pantanal, o tuiuiú e o cachorro-vinagre). Riqueza natural que proporcionou à região o título de Reserva da Biodiversidade pela UNESCO.

Em seguida, os alunos fizeram uma análise das populações ribeirinhas enfatizando as principais atividades econômicas (pecuária, agricultura, pesca e turismo) e a cultura religiosa caracterizada por festividades católicas (como exemplo a dança do Cururu em homenagem ao padroeiro de Cáceres - MT).

E para entender a especificidade cultural destes ribeirinhos, os alunos apresentaram a ideia da “antropomorfização da água”, a relação tão íntima e respeitosa com a água a transforma em um ente, em um ser humano e que está relacionado também com a relação destes ribeirinhos e também dos pantaneiros com o tempo e a natureza, ou seja, como o caráter sazonal de cheia determina o calendário e o “tempo de tarefa” (quando as atividades diárias formam o entendimento do tempo).

Enfim, os alunos (FOTO 7) finalizaram a apresentação apontando a riqueza natural e cultural – ameaçada pelo avanço da fronteira agrícola – e concluíram que “a população ribeirinha que vive às margens do rio Paraguai, em especial no Pantanal mato-grossense, possui seu próprio modo de vida e seu tempo”. E assim, transmitiram ideias, conceitos e concepções acerca da região.

Foto 7 – Apresentação de seminário do grupo 7/2013



Fonte: autor

Grupo 8.

Documentário: *Se milagres desejais*. Direção de André Costantin e Nivaldo Pereira, 2008, 26 min. Disponível em: http://etnodoc.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16&Itemid=42.

Este documentário (FIG. 17) enfatiza a questão cultural da região sul do Brasil, mais especificamente os aspectos religiosos, as crenças e ritos associados à forte imigração europeia na região. O grupo balizou o trabalho nesta perspectiva com suporte no vídeo, conforme trecho do seminário: “os aspectos principais desse documentário é mostrar como os imigrantes e suas culturas interferem diretamente e fortemente na região por toda a sua história”. (TEXTO GRUPO 8).

Figura 17: Imagens do documentário *Se milagres desejais*



Fonte: www.etnodoc.org.br

Assim, o grupo iniciou a apresentação abordando questões mais gerais da região sul como sua geomorfologia caracterizada por estreitas planícies e extensos planaltos, sua hidrografia (presença de grandes bacias, Paraná e Uruguai), o clima diferenciado do restante do Brasil (subtropical) e questões de ordem social, como o elevado índice social da região.

Posteriormente, os alunos abordaram temas relacionados à história da região, como as missões jesuítas que intencionavam catequizar os indígenas nativos da área (Guarani Mbyá) e a vinda de imigrantes europeus (na maioria deles alemães e italianos) que constituíram um processo bastante diferenciado de colonização mais voltada para a produção agrícola familiar.

Este embasamento histórico permitiu ao grupo introduzir os aspectos culturais da região e associá-los ao documentário. O vídeo trás uma cultura de populações do interior do Rio grande do Sul de construir pequenas capelas (capitéis) em homenagem a algum ente familiar ou a algum santo em pagamento de promessas. Toda uma fé presente no discurso de moradores da região imigrantes ou descendentes.

A paisagem presente nestas regiões (interior dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) possui uma especificidade marcante da tradição dos imigrantes. Pela materialidade (arquitetura) e pelas manifestações culturais (Festa de Nossa Senhora dos Navegantes), nota-se a preservação destas tradições.

Enfim, os alunos (FOTO 8) finalizaram a apresentação dando enfoque a fé católica demonstrada no documentário. Um catolicismo rústico (mencionado em outros seminários)

atrelado a costumes que dão uma ideia de como vivem e se estrutura estas populações rurais em sua maioria na região sul do Brasil.

Foto 8 – Apresentação de seminário do grupo 8/2013



Fonte: autor

Todos os grupos de trabalho partiram dos documentários para conduzirem as pesquisas. Através da observação das apresentações e da análise dos materiais produzidos pelos alunos pudemos notar o interesse da turma diante dos temas através de dúvidas e comentários que surgiam durante as apresentações.

Aprofundando a análise destes materiais, notamos que os grupos basearam suas análises por meio da relação homem-natureza e do respeito das culturas tradicionais do Brasil em relação ao meio ambiente. Todos os grupos descreveram as fisionomias das mais diversas paisagens brasileiras e caracterizaram as manifestações culturais presentes associadas a questões sócio-históricas e econômicas.

Vários conceitos que envolvem a geografia e a antropologia foram trabalhados em sala de aula e renderam discussões as quais foram de extrema importância para a formação destes estudantes. Lembramos que a introdução da linguagem audiovisual como recurso metodológico neste processo corresponde a tentativa de diversificação da aprendizagem e da pesquisa dentro do curso de graduação. Associando arte e ciência, buscamos fortalecer a importância de estudos em geografia cultural como uma forma de compreensão do espaço geográfico e das dinâmicas sociais. Após a descrição das atividades da experiência de 2014 retomaremos a discussão sobre esta atividade.

4.2 Resultados e discussões da experiência – 2014

Grupo 1.

Documentário: *Xinã Bena, novos tempos*. Coleção Cineastas indígenas, DVD 2.
 Direção: Zezinho Yube, 2006, 52 min.

O grupo de trabalho realizou pesquisa referente aos indígenas Kaxinawá, também conhecidos como Huni Kui, especificamente uma aldeia localizada no Acre. A partir do documentário *Xinã Bena, novos tempos* (Figura 18), a equipe traçou pontos acerca da cultura, território, paisagem e da experiência com o audiovisual.

Figura 18 – Imagens do documentário *Xinã Bena, novos tempos*



Fonte: Coleção Cineastas indígenas.

Segundo o grupo: “discorremos ao longo deste trabalho sobre o dia-a-dia dos Kaxinawá, seus ritos, festividades e padrões culturais”. A experiência com o audiovisual representou aos alunos uma fonte de pesquisa, pois de acordo com seu texto: “através de relatos dos próprios Kaxinawá entendemos a relação destes com o homem branco e como esse contato veio causar mudanças tanto territoriais como culturais e como essas mudanças atuam hoje em suas vidas”.

A partir de uma discussão histórica sobre os povos retratados, o grupo discorreu acerca dos impactos sofridos pelos Kaxinawás após o contato com o homem branco, tais como a exploração nos seringais e o etnocídio no final do século XIX. Hoje, segundo o grupo, é tempo de reivindicações, lutas e fortalecimento da cultura.

O grupo traçou também os aspectos sociais e territoriais da tribo, como sua organização, religiosidade, práticas agrícolas, festividades e rituais como o Txidin (tempo do milho verde), Katxanawá (fertilidade) e o Xina Benã (aberto à comunidade), o qual dá nome ao documentário analisado pelos estudantes.

A partir da discussão sobre cultura indígena os alunos, de acordo com o texto produzido, reconheceram “que o entendimento de grupos com tradições e hábitos diferentes só tendem a aumentar nosso discernimento sobre o mundo em que vivemos, enriquecendo modos de pensar e sentir, tornando a formação acadêmica mais rica, relacionando culturas e paisagens de formas diferentes”.

Este relato evidencia pontos referentes à experiência do grupo (FOTO 9) com o documentário sobre os indígenas Kaxinawá, pois nota-se que os estudantes discorreram acerca da cultura e das transformações que este contato com o vídeo etnográfico realizou em suas percepções sobre indígenas e natureza.

Foto 9 – Apresentação de seminário do grupo 1/2014



Fonte: autor

Grupo 2.

Documentário: *De volta a terra boa*. Coleção Cineastas indígenas, DVD 3, extra 1.
 Direção: Vincent Carelli e Mari Corrêa, 2008, 21 min.

O grupo elaborou seu trabalho, organizou e apresentou a pesquisa realizando uma análise bastante densa sobre o tema. Além de refletirem sobre a cultura, os processos sócio-históricos dos indígenas Panará e a questão audiovisual do Projeto Vídeo nas Aldeias (FIG. 19), o grupo também refletiu acerca de questões políticas e ambientais da região na qual os indígenas Panará se encontram atualmente.

Figura 19 – Imagens do documentário *De volta a terra boa*



Fonte: Coleção Cineastas indígenas.

De acordo com o grupo “a forte vocação oral dos povos indígenas contribuiu para o sucesso do audiovisual entre eles já que entre as tecnologias comunicativas existentes, o vídeo é a que eles mais absorvem e incorporam como poderosa mediação cultural”. O grupo faz menção à prática de ver a si mesmos a partir da apropriação da linguagem audiovisual possibilitada pelo Projeto Vídeo nas Aldeias.

O grupo contempla essa reflexão analisando o impacto das ferramentas do cinema na cultura indígena: “a partir do momento em que os índios foram introduzidos à linguagem cinematográfica e filmados, passaram a assistir aos vídeos nos quais eles apareciam, o que nos trouxe a transformação do índio objeto-histórico em índio sujeito- histórico”.

O grupo elaborou também uma análise dos aspectos ambientais que estão presentes no vídeo, descrevendo a fisionomia natural da região norte de Mato Grosso e sul do Pará onde está localizada a Terra Indígena dos Panarás.

O grupo (FOTO 10) explanou a respeito das questões culturais dos Panarás como sua organização e laços sociais, suas danças e festas de colheita (Nasow e Suãpiu). Também analisou rituais como a corrida das toras e a cerimônia da colheita do amendoim. Além de sua agricultura, segundo o grupo “as roças Panará são circulares e capazes de desvelar formas geométricas traçadas da periferia da roça ou em linhas retas que se cruzam através do círculo, enquanto outras culturas como a batata-doce e principalmente o amendoim são sempre feitas no centro da roça”. (TEXTO GRUPO 2).

Os alunos também analisaram os processos históricos que envolveram os Panará como a marcha para o oeste (MT) dos grupos indígenas ao longo dos séculos devido a ocupação do território brasileiro pelos bandeirantes e questões mais atuais como o impacto da construção da Rodovia Cuiabá-Santerém e da invasão do garimpo.

O grupo finalizou o trabalho abordando a questão do impacto do audiovisual aos Parará, segundo o grupo: “para culturas orais, o audiovisual resulta numa mídia extremamente eficaz para a interação e a expressão da língua e das suas narrativas. Por essas características, a sua adesão rende um envolvimento coletivo nas aldeias, resultando na produção de imagens e no registro da memória coletiva. O Projeto Vídeo nas Aldeias, como aqui apresentado, demonstra que o acesso às tecnologias comunicativas está possibilitando a elaboração de produções audiovisuais indígenas por onde ecoam e ressoam as vozes desses sujeitos coletivos”. (TEXTO GRUPO 2).

Desta forma, o grupo realizou um trabalho com foco nas práticas culturais dos Parará, da relação destes indígenas com seu entorno e com a natureza. No que tange à experiência com o vídeo etnográfico, os alunos refletiram sobre o impacto do audiovisual nas culturas indígenas e a possibilidade de criação a partir na linguagem audiovisual de um instrumento de identidade cultural e de luta.

Foto 10 – Apresentação de seminário do grupo 2/2014



Fonte: autor

Grupo 3.

Documentário: *Arte no espaço*. Direção de Caroline Fantinel, 2009, 17 min. Disponível em: <http://curtadoc.tv/curta/biografia/arte-no-espaço>.

Neste trabalho, o grupo realizou pesquisa referente ao documentário *Arte no Espaço* (FIG. 20) o qual retrata através de entrevistas, documentos e fotografias as contribuições do fotógrafo franco-brasileiro Pierre Verger para a manutenção da cultura afro-brasileira com seus trabalhos que ao mesmo tempo nos remete a um tempo histórico e cria imaginários a respeito das manifestações culturais afro-brasileiras.

Figura 20 – Imagens do documentário *Arte no espaço*



Fonte: www.curtadoc.tv

O grupo iniciou seu trabalho realizando um resgate histórico da vinda e constituição dos povos africanos no Brasil, principalmente em Salvador na Bahia onde o fotógrafo se estabeleceu. Em seguida realizam reflexões acerca do conceito de cultura, para então analisarem a cultura afro-brasileira, as paisagens retratadas e suas experiências com o documentário.

No campo da cultura, os alunos discorreram sobre as influências que estes povos tiveram na formação social do povo brasileiro no campo da música, da dança (Capoeira), da culinária e da religião (Candomblé e Umbanda). Segundo o grupo, todas estas manifestações estão retratadas nas fotografias de Verger mostradas no documentário, que ao usar Salvador como cenário, cria imagens simbólicas da cidade.

De acordo com o texto dos alunos: “Verger conseguia transmitir com uma simples máquina fotográfica a compreensão da paisagem enquanto produto cultural com seus significados em torno das relações entre sociedade e natureza, organizando espaço e tempo e contribuindo na formação social. Agente de um desenvolvimento, relacionou a paisagem com

a existência humana na Terra ao longo do tempo, Verger focou suas fotografias nas pessoas, nas características em comum, vestimentas e cultura, lutou pelo reconhecimento da cultura Afro”. (TEXTO GRUPO 3).

Os alunos, por fim, refletiram acerca da experiência com a linguagem audiovisual: “visto que o cinema é capaz de ampliar nossas concepções de mundo e de diversos aspectos do espaço, o documentário de Pierre Verger nos faz um convite a conhecer, além de sua história, a beleza de dois mundos conectados, duas matrizes ricas em valores e presentes uma na outra, África e Bahia. A fotografia de Verger como se mostra no filme é e janela desses dois mundos. Elas constituem um mosaico que mesmo fragmentado nos permite refletir e participar de uma história que por um longo período foi feita de escravidão e sofrimento, lutas e resistências que ainda se faz presente”. (TEXTO GRUPO 3).

Este excerto do trabalho do grupo (FOTO 11) deu ênfase ao caráter simbólico das imagens retratadas no documentário. As manifestações culturais afro-brasileiras fotografadas por Verger em Salvador como cenário e mostradas no vídeo revelaram-se símbolos de uma formação social a qual os estudantes internalizaram e criaram uma memória.

Foto 11 – Apresentação de seminário do grupo 3/2014



Fonte: autor

Grupo 4.

Documentário: *Um olhar sobre os quilombos do Brasil – Mocambo*. Direção: Cida Reis e Junia Torres, 2006, 16 min. Disponível em: <http://curtadoc.tv/curta/povosidentidade/um-olhar-sobre-os-quilombos-do-brasil-mocambo>.

O grupo apresentou um trabalho contemplando questões históricas referentes ao tema representado no documentário (FIG. 21), ou seja, a formação do Quilombo Mocambo

localizado no município de Porto da Folha em Sergipe. Além de retratarem questões territoriais, a identidade cultural, as lutas e conquistas dos direitos dos quilombolas.

Figura 21 – Imagens do documentário *Um olhar sobre os quilombos do Brasil – Mocambo*



Fonte: www.curtadoc.tv

Segundo o grupo: “o quilombo é formado basicamente por descendentes de escravos que aportaram na região para trabalhar nas fazendas de senhores de engenho”. E ainda: “é intensa a relação da população com a natureza, inclusive como meio de subsistência, e o rio São Francisco é a maior representante disto, visto que o mesmo é fundamental para a sobrevivência do quilombo”. (TEXTO GRUPO 4).

Os alunos (FOTO 12) percorreram, assim, acerca da formação social do quilombo, de suas práticas culturais como alimentação, agricultura e religião. E também discutiram sobre a questão fundiária do quilombo, da delimitação de seu território e do fortalecimento da identidade do grupo.

Foto 12 – Apresentação de seminário do grupo 4/2014



Fonte: autor

Grupo 5.

Documentário: *Visita à aldeia Guarani*. Direção: Chico Guariba, 2009, 19 min.

Disponível em: <http://curtadoc.tv/curta/direitos-humanos/visita-a-aldeia-guarani>

O grupo realizou seminário aprofundando discussões sobre os indígenas Guarani Mbyá, mais precisamente a aldeia Pguao-Ty do Vale do Ribeira em São Paulo do qual trata o documentário (FIG. 22). O grupo discorreu acerca da localização, situação fundiária, subsistência e aspectos ambientais do entorno da aldeia. Então, passou a analisar a cultura dos Guarani Mbyá, por fim, realizaram um diálogo entre geografia e documentário e relataram sua experiência com o audiovisual.

Figura 22 – Imagens do documentário *Visita a aldeia Guarani*



Fonte: www.curtadoc.tv

Ao analisar questões históricas e territoriais dos Guarani Mbyá, os alunos pontuaram questões importantes referentes à trajetória deste povo. Trajetória marcada pelo caráter nômade destes indígenas, presente em sua historiografia, bem como suas características culturais como a aldeia (tekoa), língua, cosmologia, mitologia e seus rituais.

Identificaram a importância da aldeia (tekoa) para os Mbyá, segundo o texto formulado pelo grupo, “os lugares onde os Guarani formam seus assentamentos familiares são identificados como tekoa. Tekoa seria o lugar onde existe as condições de se exercer o modo de ser guarani”. (TEXTO GRUPO 5).

Característica inerente a toda uma cosmologia e mitologia destes povos, como a ideia e a busca da terra sem mal. De acordo com o grupo: “a terra sem mal não é apenas um lugar para onde a tribo deve se deslocar sem trégua em busca de uma vida sem morte e sem mal. Ela é também um tempo”. (TEXTO GRUPO 5).

Os alunos traçaram, então, pontos referentes à cultura, paisagem, à experiência com o audiovisual e à construção de concepções sobre os Mbyá e da paisagem presente no vídeo. Segundo o grupo “a cultura é sempre potencialmente capaz de ser trazida ao nível da reflexão consciente e da comunicação e é ao mesmo tempo determinada e determinante da consciência e das práticas humanas”. (TEXTO GRUPO 5).

O grupo discorreu sobre o caráter simbólico da paisagem demonstrado em excertos de seu texto como: “a paisagem, de fato, é uma maneira de ver, uma maneira de compor e

harmonizar o mundo externo em uma cena, em uma unidade visual (...). A ênfase hoje é ainda mais abrangente, visto que a paisagem como um texto cultural tem muitas dimensões, oferecendo a possibilidade de leituras diferentes simultâneas e igualmente válidas”. (TEXTO GRUPO 5).

O grupo (FOTO 13) ainda refletiu sobre a prática e experiência com o vídeo documentário, segundo seu texto: “o documentário como instrumento metodológico para o ensino de geografia é extremamente eficaz, visto que as imagens e as narrativas presentes ativam a reflexão de quem os assiste”. Assim, nota-se que o grupo, além de traçar panoramas sobre a cultura e a história dos Guarani Mbyá, também discutiu sobre os conceitos de cultura e paisagem presentes no roteiro de apoio à pesquisa. E ainda refletiram sobre a experiência e os aspectos epistemológicos presentes na linguagem audiovisual.

Foto 13 – Apresentação de seminário do grupo 5/2014



Fonte: autor

Grupo 6.

Documentário: *Sampa grafite – Ignoto*. Direção: Paulo Taman, 2013, 8 min. Disponível em: <http://curtadoc.tv/curta/artes/sampa-grafite-ignoto/>

O grupo de trabalho realizou pesquisa e discussão acerca da história do grafite como manifestação cultural e de identidade cultural. Assim, analisou o trabalho do artista Ignoto presente no bairro paulista Jardim Romano e mostrado no documentário Sampa Grafite (FIG. 23).

Figura 23 – Imagens do documentário *Sampa grafite – Ignoto*



Fonte: www.curtadoc.tv

Segundo o texto elaborado pelos alunos, o grafite surgiu como manifestação cultural na década de 1960 entre jovens de Nova York (EUA). Em conjunto com o Hip Hop, Rap e o break, o grafite emergiu como uma prática artística periférica na qual utilizava a rua como palco e como cenário.

Diferente da pichação, o grafite é um instrumento de modificação não só da paisagem, mas também do indivíduo que vive em comunidade. Os alunos, assim, discutiram o caráter simbólico que o grafite constitui no espaço do bairro demonstrado no documentário.

De acordo com o grupo: “a geografia compreende o espaço como um produto e condição para a reprodução de uma sociedade, dentro dessa visão o grafite se apropria do espaço em uma relação geralmente conflituosa em preponderância à ordem hegemônica constituída se manifesta independente de suas condições estruturais, irrompendo a estética cultural como uma forma de arte alternativa onde se estimula a criatividade muito mais do que o simples desejo de embelezar espaços urbanos”. (TEXTO GRUPO 6).

Deste modo, o grupo (FOTO 14) concebeu a prática do grafite como uma forma artística de constituir uma identidade territorial através desses códigos visuais os quais funcionam a partir da construção de paisagens simbólicas. Conforme cenas do filme apresentadas pelo grupo, este simbolismo é nítido e é carregado de significados sociais.

Foto 14 – Apresentação de seminário do grupo 6/2014



Fonte: autor

O contato destes estudantes de graduação em geografia com a linguagem audiovisual se realizou de forma bastante enriquecedora para a sua formação. Neste trabalho, ao utilizarmos o documentário como recurso metodológico para a aprendizagem, o concebemos também como linguagem que permite processos de pesquisa e reflexão, mais que uma simples ilustração do mundo.

Os estudantes desenvolveram pesquisa e apresentaram seus trabalhos partindo dos roteiros sugeridos. A partir do que viram e compreenderem nos documentários, os grupos trouxeram para a discussão questões acerca das diferentes formações sociais e territoriais do Brasil. Diversas culturas que contribuíram para a formação do Brasil como a indígena e africana foram tratadas pelos trabalhos, bem como suas distintas relações com a natureza. Questões sociais e conflitos foram também abordados, possibilitando a realização de um panorama sócio-cultural e da paisagem brasileiros. Paisagem que aqui extrapolou seu aspecto material, configurando memórias e significações através de sua representação.

É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc. E, por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina, em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral, essa política, etc. (BERQUE, 2004, p. 86).

Aqui, propusemos a análise da paisagem a partir de sua representação. Assim, questões acerca da fisionomia da paisagem em sua concepção morfológica como relevo e

vegetação, bem como questões climáticas foram abordadas nos trabalhos com o intuito de contribuir para internalização simbólica da paisagem natural por parte dos estudantes. Barbosa (2011), como já mencionamos, diz que a paisagem ao ser *narrativizada* pela linguagem audiovisual perde sua materialidade e torna-se signo. E este foi um dos nossos propósitos com estas atividades.

Nessa experiência com os alunos, percebemos que cada grupo de trabalho apropriou-se do documentário de diferentes formas. O filme, nesta nossa proposta, foi utilizado como um agente ativo durante todo o processo de pesquisa. Admitimos que a linguagem audiovisual faz parte da cultura e está carregada de simbolismos sociais e geográficos. Conforme notamos, o processo de significação tem sido discutido tanto no âmbito da geografia na questão da paisagem simbólica, como das discussões pedagógicas aqui apresentadas as quais consideram a significação a ação desencadeada pela experiência com a linguagem audiovisual, em sua singularidade artística, como mediação entre o sujeito e o mundo.

A arte possui seu modo específico de apropriação da realidade, deste modo: a representação assume o sentido de um nível mediador entre o sensível e a mediação verdadeira. E, por isso, é considerada como um ato através do qual a mente torna presente em si uma imagem, uma ideia ou um conceito correspondente a um objeto externo. (BARBOSA, 2000, p. 73).

Notamos que aqui, os documentários como mediação da realidade trouxeram diversos temas para discussão. Diferentes formações sociais brasileiras e questões a elas associadas, bem como suas paisagens tornaram-se presentes a partir da imagem. Assim, o documentário assumiu papel ativo no processo de pesquisa e aprendizagem, permitindo a integração de diferentes linguagens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento das tecnologias de captação e projeção de imagens ao longo do século XX e mais recentemente o advento das mídias digitais vem transformando nossas concepções do mundo e configurando imagens simbólicas em nossa memória. A linguagem audiovisual captada pelas ciências sociais como a antropologia e a geografia, assim como no campo da educação também desenvolve e estimula nossa visão como aparato sensorial.

Tratamos aqui dos documentários etnográficos, um gênero singular da linguagem audiovisual o qual vem se transformando ao longo do tempo. Estes documentários ao construir narrativas de diferentes culturas e geografias, possibilitam, além de uma reflexão epistêmica, a interiorização de imagens e a formação de uma memória de paisagens e questões sociais.

Esta atividade buscou promover um diálogo entre diferentes linguagens a fim de possibilitar o enriquecimento dos estudantes em sua formação a partir da experiência com a linguagem audiovisual. “Cruzar textos filmicos e textos acadêmicos é uma excelente estratégia para trabalhar temáticas complexas com estudantes de ensino médio e superior. Esse recurso permite abordar o problema sob diversos aspectos e perspectivas” (DUARTE, 2009, p. 73).

Para tanto, questões sobre a cultura e a paisagem brasileiras foram o ponto de partida nesta experiência. Os temas abordados trouxeram análise e reflexões sobre a diversidade cultural e geográfica do Brasil. Colocaram os estudantes em contato com a cultura indígena, afro-brasileira, camponesa e de periferia as quais passaram a participar da memória destes alunos. Cada grupo enfatizou aspectos dos documentários os quais julgaram mais pertinentes extrapolando os roteiros sugeridos. Contudo, todos refletiram sobre a formação social do Brasil, o que é de extrema importância para a formação em geografia.

A revisão bibliográfica apresentada constituiu-se como base para a elaboração da proposta, bem como engendrou um enriquecimento da discussão a respeito do diálogo entre cultura, paisagem e documentário etnográfico ao longo do processo de pesquisa.

A experiência com a linguagem audiovisual pelos alunos configurou-se a partir de um contato inicial e desenvolveu-se, conforme análise dos trabalhos produzidos e apresentados pelos grupos, através da descrição das formações sociais e de paisagens presentes em cada documentário. Assim, estes temas foram interpretados através de pesquisa a respeito dos processos históricos e geográficos que cada realidade presente nos documentários retratava. Este processo de pesquisa, descrição e interpretação possibilitou a constituição de nossa

proposta na qual os alunos desenvolveriam significações e construiriam memórias acerca de cada tema discutido.

Assim, concebemos a linguagem audiovisual como prática social que parte da realidade e constrói narrativas a seu respeito. Como enfatizou Turner (1997), o cinema parte das tradições culturais de uma sociedade para analisá-la, renová-la e reproduzi-la, construindo e representando a cultura a partir de seus quadros enquanto linguagem.

Aqui, nos apropriarmos das contribuições do documentário etnográfico, ou cinema, filme, vídeo etnográfico, entre outras denominações. Partimos da ideia de que documentários são produtos culturais com uma apropriação específica da realidade e que ao utilizar questões sociais e paisagens em seu discurso, permitem a construção de ideias e significados a respeito da realidade, cabendo a nós, que entramos em contato com essas representações, analisá-las e integrá-las aos nossos questionamentos. Os documentários aqui trabalhados permitiram a realização destes questionamentos ao mesmo tempo em que possibilitaram um reconhecimento do Brasil. Assim, cultura e paisagem narrativizadas na imagem em movimento passaram a integrar a nossa memória e a memória dos estudantes que permitiram a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ana Carvalho Ziller de. **Cineastas indígenas: um outro olhar: guia para professores e alunos**. Olinda, PE: Vídeo nas Aldeias, 2010.
- AZEVEDO, Ana Francisca de. **Geografia e cinema: representações culturais de espaço, lugar e paisagem na cinematografia portuguesa**. 2006. 741f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Ciências Sociais. Universidade do Minho. Guimarães, Portugal. 2006. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6715>. Acesso: 20 jul. 2014.
- AZEVEDO, Ana Francisca de. **A ideia de paisagem**. Porto: Figueirinhas, 2008. 130 p.
- AZEVEDO, Ana Francisca de. Geografia e cinema. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.), **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 95-127.
- BARBOSA, A.; CUNHA, E. T. da. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. 70 p.
- BARBOSA, Jorge Luiz. A arte de representar como reconhecimento do mundo. **Revista GEOgraphia**, Rio de Janeiro, UFRJ, ano II, n. 3, p. 69-88, 2000.
- BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 109-133.
- BENTES, Ivana. Vídeo e Cinema: rupturas, reações e hibridismo. In: MACHADO, A. (Org.). **Made in Brasil. Três décadas do vídeo brasileiro**. São Paulo: Itaú Cultural. 2003. p. 113-132.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 84-91.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas. São Paulo. v. 39, n. 138, p. 715-746, set/dez. 2009. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/209/224>. Acesso em: 20 ago. 2015.
- CAPEL, Horácio. **Geografia Humana y Ciencias Sociales**. Barcelona: Montesinos, 1984. 139 p.
- CATELLI, Rosana Elisa. Coleção de imagens: o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos de 1920 e 1930. **Educação & Sociedade**. Campinas, SP, v. 31, n. 111, p. 605-624, abr/jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a16.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2014.
- CLAVAL, Paul. **História da Geografia**. Tradução de J. B. Costa. Lisboa: Edições 70. 2006. 140 p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove – a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, n. 29, p. 7-21, jan/fev de 2011. Disponível em: <http://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/issue/view/274. Acesso em: 15 de ago 2013.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: _____ (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 9-18.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: _____ (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 7-11.

COSGROVE, Denis. **Social formation and symbolic landscape**. Madison: University of Wisconsin Press, 1998. 293 p.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos rumos da geografia cultural. In: (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 135-146.

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro cinema. In: MASCARELLO, F. (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas-SP: Papyrus, 2006. p. 17-52.

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. Geografia Cultural e Cinema: práticas, teorias e métodos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 43-78.

COSTA, Otávio. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura**. Edição Comemorativa 1993-2008. Rio de Janeiro: EdUERJ, , 2008. p. 149-156.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 104 p.

DUNCAN, James. O Supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 63-102.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Imagem e geografia: considerações a partir da linguagem cinematográfica. **Espaço e Geografia**. Brasília, v. 15, n. 2, p. 35-51, 2012.

GEOTA, et al. **O Programa Nacional de Barragens: desastre econômico, social e ambiental**. Apresenta memorando sobre o programa de barragens português. Disponível em: http://quercus.pt/siteantigo/www.quercus.pt/xFiles/scContentDeployer_pt/docs/articleFile441.pdf Acesso em: 25 jul. 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003. 150 p.

MOGADOURO, Cláudia A. **Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta)**. 2011. 293 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível

em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-23092011-174020/pt-br.php>. Acesso em: 14 dez. 2014.

NASCIMENTO, Renato Alves do. **A paisagem narrativa do Nordeste e dos nordestinos nos filmes de Vladimir Carvalho**. 2012. 204 f. Dissertação. (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11122012-091944/pt-br.php>. Acesso em: 15 ago. 2014.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Tradução de M. S. Martins. Campinas: Papyrus, 2012. 270 p.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. O que seriam as geografias de cinema? **Txt – Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, Belo Horizonte - MG, v. 2, dez. 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/atelaotexto/revistatxt2/wenceslao.htm>. Acesso em: 15 jul. 2015.

PAULINO, Ricardo Filipe de Castro Paupério e Silva. **A linha do Tua: história, construção e levantamentos**. 2011. 217 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil). Departamento de Engenharia. Universidade do Minho. Guimarães. Portugal, 2011. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/17468>. Acesso em: 20 jul. 2015.

RIBEIRO, José da Silva. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 613-648, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27220>. Acesso em: 13 set. 2013.

RIBEIRO, José da Silva. Jean Rouch - Filme etnográfico e Antropologia Visual. **Doc Online: Revista Digital de Cinema Documentário**, n.03, p. 6-54, dez. 2007, www.doc.ubi.pt Acessado em: 15 de fev. 2014.

SARMENTO, João. The geography of “disused” railways: what is happening in Portugal? **Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia**. Lisboa, Portugal, v. 37, n. 74, p. 55-71, 2002. Disponível em: <http://www.ceb.gal/finisterra/>. Acesso em: 25 jul. 2014.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 12-74.

SIMÃO, J. V.; MELO, J. J. **Impact of natural and cultural tourism in the Tua Valley**. IAIA. International Association for Impact Assessment. Puebla, Mexico, 2011. Texto apresentado na Conferência Impact Assessment and Responsible Development for Infrastructure, Business and Industry. Disponível em: <http://goo.gl/y23I9u>. Acesso em: 25 jul. 2014.

SOUZA, Hélio Augusto Godoy de. **Documentário, realidade e semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento**. São Paulo: Annablume: Fapesp. 2001. 313 p.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. Documentário moderno. In: MASCARELLO, F. (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas-SP: Papyrus, 2006. p. 253-287.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997. 174 p.

FILMOGRAFIA

A cabra na região semi-árida. Direção de Rucker Vieira (1966).

A gente luta, mas come fruta. Coleção Cineastas indígenas, Ashaninka, DVD 5, Direção de Isaac Pinhanta, Wewito Piyãko (2006).

Arte no espaço. Direção de Caroline Fantinel (2009).

Calangos e Calangueiros: uma viagem caipira pelo Vale do Paraíba. Direção de Flávio Cândido (2008).

De volta a terra boa. Coleção Cineastas indígenas, DVD 3, extra 1. Direção de Vincent Carelli e Mari Corrêa (2008).

História sem fim... do Rio Paraguai. Direção de Valéria Del Cueto (2004).

Les Maître Fous. Direção de Jean Rouch (1954).

Nanook of the North. Direção de Robert Flaherty (1922).

O País de São Saruê. Direção de Vladimir Carvalho (1971).

Pare, escute, olhe. Direção de Jorge Pelicano – Portugal (2009).

Quebradeiras. Direção de Evaldo Mocarzel (2009).

Sampa grafite – Ignoto. Direção de Paulo Taman (2013).

Se milagres desejais. Direção de André Costantin e Nivaldo Pereira (2008).

Um olhar sobre os quilombos do Brasil – Mocambo. Direção de Cida Reis e Junia Torres (2006).

Villa Boa de Goyás. Direção de Moacir de Oliveira (1999).

Visita à aldeia Guarani. Direção: Chico Guariba (2009).

Vissungo. Fragmentos da tradição oral. Direção de Cássio Gusson (2009).

Xinã Bena, novos tempos. Coleção Cineastas indígenas, DVD 2. Direção de Zezinho Yube, (2006).

APÊNDICE A – Roteiro 1**Roteiro para pesquisa e construção do Seminário com base na análise e caracterização da relação homem-natureza em escala regional a partir da imagem-documento.****Descrição e análise da fisionomia da paisagem regional:**

- Características geomorfológicas gerais;
- Características hidro-climáticas;
- Características biogeográficas (biomas).

Descrição e análise da população regional:

- Processos sócio-históricos regionais;
- Relação da população com o meio natural;
- Aspectos culturais (religião, costumes, alimentação, agricultura, etc.).

E também:

- Denominação, localização, abrangência, paisagens predominantes, populações, elementos naturais, manifestações culturais, características socioeconômicas e contextualização atual da área.

Apresentação de slides:

- Usar imagens dos vídeos que caracterizem as análises feitas pelo grupo;
- Organizar os slides em tópicos. No final devem conter referências bibliográficas;
- Cada grupo poderá apresentar dinâmica própria para exposição.

Texto:

- No dia da apresentação, os grupos devem entregar um trabalho impresso sobre o tema, com introdução, objetivo do trabalho, discussão do tema, conclusão e bibliografia.
- O grupo deverá fazer um comentário na conclusão do trabalho (no slide e texto) a respeito da experiência com o documentário como forma de análise da paisagem e cultura e como o vídeo auxiliou na compreensão e percepção da diversidade regional do Brasil.

APÊNDICE B – Roteiro 2

ROTEIRO PARA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO

A Cultura

Considere os seguintes excertos acerca da cultura:

“Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante.” (KEESING, 1974, apud LARAIA, 2003, p. 59).

“Ruth Benedict escreveu em seu livro *O crisântemo e a espada* que a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas. A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante.” (LARAIA, 2003, p. 67).

A partir destas conceitualizações de cultura como prática social dinâmica caracterizada por um sistema de comportamento e que este sistema imprime valores internos e externos sobre qualquer grupo social, analise a narrativa do documentário, seu discurso (direto ou indireto), suas imagens e identifique padrões culturais, valores e identidades expressos pelos personagens do filme.

A Paisagem

Leia os trechos abaixo relacionados a ideia de paisagem cultural enquanto categoria geográfica:

“É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc. E, por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina, em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral, essa política, etc.” (BERQUE, 2004, p. 86).

“A compreensão da paisagem enquanto produto cultural, com os seus significados em torno das relações entre sociedade e natureza, implica considerá-la como expressão fenomênica do modo particular como uma específica sociedade está organizada em um dado tempo e espaço,

isto é, uma dada formação econômica e social ou simplesmente formação social.” (CORRÊA, 2011, p. 13).

“A impressão de uma cultura na paisagem pode ser entendida através da linguagem utilizada para esta impressão, ou seja, o símbolo e seu significado. Toda paisagem é simbólica ainda que símbolo e representação sejam bastante interligados. Os simbolismos possibilitam a reprodução de normas culturais e estabelece valores de grupos dominantes por toda uma sociedade. Todas as paisagens possuem significados, pois são produtos da apropriação e transformação do meio pelo homem. O simbolismo/significado das paisagens pode ser apreendido tanto pelas próprias paisagens quanto pelas representações da paisagem (em pinturas, poesia, outras artes).” (COSGROVE, 2004, P. 108).

“O tipo de evidência que os geógrafos usam agora para interpretar o simbolismo das paisagens culturais é muito mais amplo do que no passado. Evidência material no campo e outras fontes documentais e cartográficas, orais, de arquivo e outras continuam valiosas. Mas frequentemente encontramos a evidência nos próprios produtos culturais: pinturas, poemas, romances, contos populares, músicas, filmes, e canções podem fornecer uma firme base a respeito dos significados que lugares e paisagens possuem, expressam e evocam, como fazem fontes convencionais factuais.” (COSGROVE, 2004, p. 110).

A partir destes apontamentos relacionados ao conceito de paisagem dentro da perspectiva contemporânea da Geografia Cultural, elabore um texto trazendo as evidências visuais das paisagens mostradas no documentário. Analise e contextualize o meio ambiente presente no filme (domínios naturais, rural, urbano) que é o cenário da narrativa; os padrões materiais e imagens que podem ser caracterizados como símbolos de um grupo social e quais aspectos sociais podem ser notados nos grupos ou personagens presentes no documentário (contexto social, situação social, migração, indígenas, negros). Utilize imagens do documentário para esta explanação. (cenas).

A Geografia e o cinema

Considere as seguintes afirmações relacionadas ao diálogo entre geografia e cinema:

“As geografias de cinema seriam os estudos e os encontros com a dimensão espacial na qual os personagens de um filme agem. Um espaço composto de territórios, paisagens e metáforas. (...) Essa é uma proposta de pesquisa das imagens e sons fílmicos, baseada na ideia de que os filmes estão a nos propor pensamentos acerca do espaço, não só resultantes das alusões literais – por verossimilhança visual e sonora – a uma realidade existente além do cinema, mas também de movimentos imaginativos resultantes do encontro inusitado nessas imagens e

sons de outras formas de conceber e viver o espaço como dimensão da existência humana.” (OLIVEIRA JUNIOR, 2005, p. 03).

“Redimensionado enquanto forma cultural, o cinema, nas suas mais variadas expressões, ajuda a compreender o papel da memória e dos diferentes imaginários geográficos na criação das imagens de lugar e na construção das paisagens culturais. Veiculando significados sobre lugares e sobre a relação dos indivíduos com os lugares, o cinema vê-se reconfigurado como campo de análise, proporcionando a compreensão de como os indivíduos percebem e representam o espaço, das relações emotivas que associam as pessoas aos lugares, dos valores, da moral, da ideologia e da ética que subjaz cada construção do espaço em cada período e em cada contexto sociocultural.”(AZEVEDO, 2009, p. 101).

“O espaço no cinema não se restringe ao que é passível de mensuração e de delimitação física, não visa o controle e uniformização de respostas e abordagens, pelo contrário, carrega “*uma força simbólica*” que qualifica o mesmo em suas diferenciadas potencialidades de vivência e sentidos, pleno de diversidade e passível de entendimento comum aos homens em geral. Através dessa vivência espacial concreta é que os lugares são recriados de significações e rememorados imagetivamente por cada indivíduo. Espaço aí é algo vivo e inerente às condições com que cada ser humano edifica sua existência social. O cinema permite essa identificação espacial através das imagens apresentadas enquanto turbilhões de afetos e memórias amalgamados.” (FERRAZ, 2012, p. 377-378).

“Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (filmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social.” (NICHOLS, 2012, p. 27).

A partir desta contextualização teórica em geografia e cinema, particularmente sobre o documentário como gênero narrativo, elabore uma reflexão sobre o espaço geográfico mostrado no filme – forma e conteúdo observados (referenciais trazidos pela imagem). Associe à sua reflexão os conceitos aprendidos em sala de aula e durante a pesquisa realizada.

Conclusão

Para concluir este trabalho, escreva uma consideração final relacionada a esta prática. Como vê esta experiência com o documentário como um instrumento metodológico para pesquisa e ensino de geografia? E para sua formação? A partir do documentário, como pode associar

cultura e paisagem? Indique pontos positivos ou os que devem ser melhorados nesse procedimento.

Referências

- AZEVEDO, Ana Francisca de. Geografia e cinema. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.), **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 95-127.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 84-91.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove – a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, n. 29, p. 7-21, jan/fev de 2011. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/issue/view/274>. Acesso em: 15 de ago 2013.
- FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Imagem e geografia: considerações a partir da linguagem cinematográfica. **Espaço e Geografia**. Brasília, v. 15, n. 2, p. 35-51, 2012.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003. 150 p.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Tradução de M. S. Martins. Campinas: Papyrus, 2012. 270 p.

APÊNDICE C – Termo de anuência – 2013

TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO:

“CULTURA E PAISAGEM: O VÍDEO DOCUMENTÁRIO COMO RECURSO METODOLÓGICO AO ENSINO DE GEOGRAFIA”

1- Objetivos: Esse trabalho tem por objetivo o experimento e a fundamentação do uso do documentário como recurso metodológico na descrição e interpretação da paisagem e do modo de vida a ela associado no campo do ensino de Geografia e da Antropologia.

2 – Por que este estudo é importante? O estudo a respeito da utilização da linguagem imagética, no caso o documentário, para exercício de descrição e interpretação de paisagem busca contribuir para a formação do estudante, diversificando os meios de pesquisa e inserindo novos formatos metodológicos.

3 – O que se estudará? Nesse projeto irei embasar teoricamente e também na prática o uso de vídeo documentário para descrição e interpretação das diversas paisagens e modos de vida brasileiras.

4 – Da forma como se estudará? O estudo apoia-se na pesquisa bibliográfica sobre temas como geografia cultural, conceito de paisagem e documentário e na visualização e seleção de documentários brasileiros que se enquadrem no tema proposto.

Seleção dos alunos:

Esse projeto foi apresentado aos ingressantes do curso de geografia da Unesp, campus de Rio Claro, período integral, na primeira aula semestral da disciplina de Antropologia. Os alunos ficaram cientes da realização de seminários envolvendo vídeos e temas para análise das paisagens do Brasil.

Análise dos resultados: após a apresentação dos seminários pelos grupos de alunos e entrega de um texto referente ao tema, estes trabalhos serão analisados pela apresentação, exercício de análise da paisagem via documentário e síntese realizada pelos estudantes.

5 – O período de estudo e os locais de estudo: março a julho de 2013, nas instalações do campus da Unesp/Rio Claro.

6 – A equipe de trabalho:

Nome	Formação/Instituição	Função
Tiago Evandro Pinto, Bernadete Ap. C. de Castro e Ana Carolina Rios Gomes.	Graduando/Professora Doutora/Doutoranda	Bolsista/orientadora/pesquisadora

7 – Os recursos para a pesquisa:

Os recursos serão provenientes do próprio pesquisador, orientadora e do órgão de fomento da pesquisa – Fapesp.

8 – Dos impactos no processo de ensino-aprendizagem dos graduandos: este trabalho visa enriquecer o processo de ensino-aprendizagem de geografia e antropologia através do documentário como linguagem e método de ensino.

9- Resultados esperados: este projeto busca comprovar o uso do vídeo documentário como meio de análise e percepção da paisagem brasileira pelos alunos.

10 – Informações referentes ao uso e destino das informações/materiais acessados, as formas de armazenamento e sua divulgação:

A análise dos dados obtidos neste estudo estará sob a responsabilidade do pesquisador/bolsista e poderá ser inserida em bancos de dados do pesquisador e/ou ser publicada, caso seja pertinente e a Associação concorde com a divulgação.

11 - Uso de imagens e sons:

A manifestação do Conhecimento Tradicional Associado (CTA) em campo pode ser fotografado, filmado e/ou gravado, caso os alunos participantes concordem. Estas imagens serão mantidas em arquivos digitalizados como fonte bruta de informações de pesquisa, não sendo utilizados em mídias ou publicações comerciais.

12 – Dados para contatos:

Pesquisador(a) Responsável e Equipe: Tiago Evandro Pinto, Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro e Ana Carolina Rios Gomes.

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

UNESP – campus de Rio Claro

Avenida 24 A, n.1515 – Bela Vista

Rio Claro – SP, CEP13.506-900 E-mail: tiagoep@outlook.com e bacco@rc.unesp.br

Telefones: (19) 35269355 e (19) 981010536

Rio Claro – SP CEP13.506-900

E-mail: tiagoep@outlook.com e bacco@rc.unesp.br

Telefones: (19)-35269355 e (19)-81010536

Pelo presente termo, atestamos que estamos cientes e que concordamos com a realização do estudo acima proposto; além disso, foi garantido nosso direito de recusar o acesso ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, durante o processo de Anuência Prévia.

Local: Rio Claro

Data: 06 de setembro de 2013.

Assinatura:	RG:
Pablo Augusto Bastiani	43.969.913-7
Ramon Spinello de Nascimento	44.997.231-8
Guilherme de Almeida Gomes	36.274.023-2
Matheus Galvani de Franco	49.946.384-5
Letícia do Couto Prado Novais	42.522.551-3
Luís Gustavo L. Gaiotto	41.746.073-2
Lucas T. Moura	53.690.375-3
Papa Mamadou Seye	714595226104
Beatriz Aguiar Mumbach	43.509.109-8
Laura de C. B. de R. Camargo	38.738.687-3
Thayná Biello Henrique	42.685.142-0
Rيناتا Fúlia Batista P. Leias	48.023.447-4
Ena Beatriz de Lima Watanabe	44.081.979-9
Maurice Zumpato Camargo	43.804.080-6
Tamires Ferrazari	40.790.917-5
Darilo Pereira Kovacs	37510779-4
Maria Alice de F. Melo	36281607-4

Bruno Milato	40.463.691-3
Carol Minghini	40.075.233-5
Maria Luiza Brito Verio	40.134.167-8
Julia Menezes Zenerle	41.746.770-9
Bismark Pereira de Souza Salgado	43.826.442-6
Felipe Massarelli Hidalgo	35.865.494-4
Renan Bastos de O.F. Santos	47.508.931-X
Bianca Caroline Boddin	48.711.245-3
Vinicius de Paula Jmael	41.521.611-4
Rodrigo da Silva	49.638.321-8
Rodolfo Bossani	45.911.542-X
Thiago Silva Lima	36.866.092-8
Kevin Gregorio Candano	41.962.744-3
Messias de Lira	49.757.498-6
Amanda Quintiliano	40.347.053-5
Guilherme Papiano Moraes	16.193.400
Daniel Nicolari	49.359.999-8
Fuqas F. Gerschmajo	52.424.386-4
Luiz F. Junio C.M. da Silva	47.836.031-9
Christie B. Peiry	49.530.926-6
Julio de Araujo Alves	49.244.523-3
Robsonne Leonardo dos Santos	40.232.078-5

APÊNDICE D – Termo de anuência – 2014

TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO:

“CULTURA E PAISAGEM: O VÍDEO DOCUMENTÁRIO COMO RECURSO METODOLÓGICO AO ENSINO DE GEOGRAFIA”

1- Objetivos: Esse trabalho tem por objetivo o experimento e a fundamentação do uso do documentário como recurso metodológico na descrição e interpretação da paisagem e do modo de vida a ela associado no campo do ensino de Geografia e da Antropologia.

2 – Por que este estudo é importante? O estudo a respeito da utilização da linguagem imagética, no caso o documentário, para exercício de descrição e interpretação de paisagem busca contribuir para a formação do estudante, diversificando os meios de pesquisa e inserindo novos formatos metodológicos.

3 – O que se estudará? Nesse projeto irei embasar teoricamente e também na prática o uso de vídeo documentário para descrição e interpretação das diversas paisagens e modos de vida brasileiros.

4 – Da forma como se estudará? O estudo apoia-se na pesquisa bibliográfica sobre temas como geografia cultural, conceito de paisagem e documentário e na visualização e seleção de documentários brasileiros que se enquadrem no tema proposto.

Seleção dos alunos:

Esse projeto foi apresentado aos ingressantes do curso de geografia da Unesp, campus de Rio Claro, período integral, na primeira aula semestral da disciplina de Antropologia. Os alunos ficaram cientes da realização de seminários envolvendo vídeos e temas para análise das paisagens culturais do Brasil.

Análise dos resultados: após a apresentação dos seminários pelos grupos de alunos e entrega de um texto referente ao tema, estes trabalhos serão analisados pela apresentação, exercício de análise da paisagem via documentário e síntese realizada pelos estudantes.

5 – O período de estudo e os locais de estudo: março a outubro de 2014, nas instalações do campus da Unesp/Rio Claro.

6 – A equipe de trabalho:

Nome	Formação/Instituição	Função
------	----------------------	--------

Tiago Evandro Pinto, Bernadete Ap. C. de Castro.	Graduação/Professora Doutora	Bolsista/orientadora
---	---------------------------------	----------------------

7 – Os recursos para a pesquisa:

Os recursos serão provenientes do próprio pesquisador, orientadora e do órgão de fomento da pesquisa – Fapesp.

8 – Dos impactos no processo de ensino-aprendizagem dos graduandos: este trabalho visa enriquecer o processo de ensino-aprendizagem de geografia e antropologia através do documentário como linguagem e método de ensino.

9- Resultados esperados: este projeto busca comprovar o uso do vídeo documentário como meio de análise e percepção da paisagem brasileira pelos alunos.

10 – Informações referentes ao uso e destino das informações/materiais acessados, as formas de armazenamento e sua divulgação:

A análise dos dados obtidos neste estudo estará sob a responsabilidade do pesquisador/bolsista e poderá ser inserida em bancos de dados do pesquisador e/ou ser publicada, caso seja pertinente e a Associação concorde com a divulgação.

11 - Uso de imagens e sons:

A manifestação do Conhecimento Tradicional Associado (CTA) em campo pode ser fotografado, filmado e/ou gravado, caso os alunos participantes concordem. Estas imagens serão mantidas em arquivos digitalizados como fonte bruta de informações de pesquisa, não sendo utilizados em mídias ou publicações comerciais.

12 – Dados para contatos:

Pesquisador(a) Responsável e Equipe: Tiago Evandro Pinto e Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro.

Instituto de Geociências e Ciências Exatas UNESP – campus de Rio Claro
Avenida 24 A, n.1515 – Bela Vista.

Rio Claro – SP CEP13.506-900

E-mail: tiagoep@outlook.com e bacco@rc.unesp.br

Telefones: (19)-35269355 e (19)-981010536

Pelo presente termo, atestamos que estamos cientes e que concordamos com a realização do estudo acima proposto; além disso, foi garantido nosso direito de recusar o acesso ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, durante o processo de Anuência Prévia.

Local: Rio Claro

Data: 03/11/2014

Assinatura:	RG:
Lívia Loup Leao	43.321.045-X
Lívia G. A. de Souza	53.624.630-0
Camila de F. Priante Bernardo	48.542.371-6
Caio Marcelo Wolf	48.756.066-8
Walter W. Gimethi	48.810.966-8
Murilo Mattos	916.252.488-22
Andressa Costela	42.584.035-1
Jessica Romariz	47486419-9
Marcel Ietsuji Donato	33.936.066-4
Aeraldo Francisco Sotelo	27.632.493-6
Felipe Luciano Dellben	49.533.065-6
Claudia Vanessa S. Correia	437567667
Marcos Vinícius Guimarães	40385567-6
Jonathan Ferreira	39566889-X
Polianna José de Matos da Silva	56.156.767-0
Leonardo Garcia Rodrigues	42.232.313-5
Roberto Luiz Rodrigues Junior	9977065-1

